

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
CURSO DE DANÇA BACHARELADO

Clarissa Iansen Boff

**POR TODAS AS VEZES QUE NÃO FALEI:
O CORPO LÉSBICO EM MOVIMENTO**

Santa Maria, RS
2020/02

Clarissa Iensen Boff

**POR TODAS AS VEZES QUE NÃO FALEI:
O CORPO LÉSBICO EM MOVIMENTO**

Trabalho de conclusão de curso de Dança bacharelado, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM,RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Dança.**

Orientador: Profº. Drº. Flávio Campos

Santa Maria, RS
2020/02

AGRADECIMENTOS

Agradeço minha mãe e meu pai, Cleoni de Fátima Canabarro lensen e Rafael Cristiano Boff, por me incentivarem a seguir meus sonhos e estarem comigo durante a jornada da graduação.

Agradeço à minha dinda, Roselena Canabarro lensen, pelos seus apoios, carinhos e abraços que sempre me encham de amor.

Agradeço ao meu professor e orientador Flávio Campos pelas suas contribuições potentes e afetuosas para meus processos e, também, por me incentivar a contar as histórias do meu corpo.

Agradeço a Mariana Munhoz Goulart, minha namorada, pelo suporte e impulsos que me deu ao longo do processo dessa pesquisa e, também, pelas fotos tão sensíveis. Você, meu amor, faz transbordar as coisas mais belas que há em mim. Obrigada por tudo.

Agradeço a Júlia Urach, minha amiga querida, por gravar e editar de uma forma tão única a videodança e por me acompanhar em tantos processos intensos e significativos. Com você, amiga, os dias se encham de vida.

Agradeço Ana Caroline Bazzo Maivald, Laura Dornelles, Marina Leal e Natália Colvero por fazerem parte de tantos momentos preciosos durante minha graduação e por me incentivarem de várias maneiras. Meu carinho por vocês é imenso.

Agradeço às minhas amigas do clube de leituras lésbicas, pois sem elas não teria mergulhado tão profundamente nas questões da lesbianidade.

Agradeço às mulheres lésbicas que participaram da construção desse trabalho, tanto ao responder o formulário, quanto por lerem os trechos. Sem vocês, esse trabalho não seria tão potente e verdadeiro.

Agradeço as/os colegas e professoras(es) do curso de Dança pelas trocas cheias de afetos que trouxeram tantas transformações na minha vida.

*“Todas as revoluções
que eu desejo
começam em mim.”
(Ryane Leão)*

RESUMO

POR TODAS AS VEZES QUE NÃO FALEI: O CORPO LÉSBICO EM MOVIMENTO

AUTORA: Clarissa lensen Boff
ORIENTADOR: Flávio de Campos Braga

Com o presente trabalho busco detalhar os conteúdos e os atravessamentos sociais que perpassam a sexualidade lésbica, a fim de observar as suas reverberações na minha dança. O Método BPI (Bailarino-Pesquisador-Intérprete) foi o catalisador dessa pesquisa, pois a partir de suas ferramentas e do eixo Inventário no Corpo, fui tomando consciência desse processo. Após refletir acerca dessas questões sobre o corpo lésbico, crio a videodança “por todas as vezes que não falei”. A síntese desse trabalho se dá pelo movimento que brota da necessidade de dar voz e força a minha lesbianidade. Em meu corpo a sensação é de integridade, ademais, fica a certeza de um trabalho que ainda tem muito para ser desdobrado e discutido, criativa e reflexivamente.

Palavras-chave: Lesbianidade; Dança; Método BPI; Inventário no Corpo; Corpo Lésbico.

ABSTRACT

FOR ALL THE TIMES I DIDN'T SPEAK: THE LESBIAN BODY IN MOTION

AUTHOR: Clarissa lensen Boff
SUPERVISOR: Flávio de Campos Braga

With the present work I seek to detail the contents and the social crossings that permeate lesbian sexuality in order to observe its reverberations in my dance. The BPI: Bailarino-Pesquisador-Intérprete (“Dancer-Researcher-Interpreter”) method was the catalyst for this research, since, based on its tools and The Inventory in the Body axis, I became aware of this process. After reflecting on these questions about the lesbian body, I created the video dance “for all the times I didn't speak”. The synthesis of this work is given by the movement that springs from the need to give voice and strength to my lesbianity. In my body the feeling is one of integrity, moreover, there is the certainty of a job that still has a lot to be unfolded and discussed, creatively and reflexively.

Keywords: Lesbianity; Dance; BPI method; The Inventory in the Body; Lesbian Body.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Registro feito durante as gravações do solo (25/11/2020), por Mariana Munhoz Goulart.....	18
Figura 2 — Descrição do formulário.....	21
Figura 3 — Bandeira lésbica e pergunta inicial do formulário.....	21
Figura 4 — Perguntas obrigatórias do formulário.....	22
Figura 5 — Perguntas obrigatórias do formulário II.....	23
Figura 6 — Perguntas não obrigatórias do formulário.....	23
Figura 7 — Gráfico dos resultados de uma pergunta obrigatória.....	24
Figura 8 — Gráfico dos resultados de uma pergunta não obrigatória.....	24
Figura 9 — Gráfico dos resultados de uma pergunta não obrigatória II.....	26
Figura 10 e 11 — Alguns dos trechos que separei no PowerPoint para as mulheres lerem.....	30
Figura 12 — Pasta do celular onde estão todos áudios que as mulheres me mandaram.....	31
Figura 13 — Meus pelos em foco.....	36
Figura 14 — Figurino.....	37
Figura 15 — Vegetação do cenário localizado no Vale Vêneto.....	40
Figura 16 — Mesa com folhas e musgos pertencente ao primeiro cenário.....	41
Figura 17 — Cenário do <i>dojo</i>	43
Figura 18 — Explorando a mesa do cenário.....	45
Figura 19 — Movimentos expansivos.....	45
Figura 20 — Montando o <i>dojo</i>	46
Figura 21 — Terra sendo colocada em volta do <i>dojo</i>	47
Figura 22 — Percorrendo meus limites.....	48
Figura 23 — Movimentos fortes com as mãos.....	49
Figura 24 — As mãos puxando os movimentos.....	50
Figura 25 — Experimentando força e equilíbrio pelos movimentos.....	50
Figura 26 — Lista dos nomes que pensei para a videodança e anotei nos diários..	53
Figura 27 — Folhas usadas para criar o poema.....	54
Figura 28 — Flyer criado para divulgar a videodança.....	58

SUMÁRIO

Apresentação.....	7
1. Introdução.....	8
2. Corpo em expansão.....	10
3. A força lésbica.....	13
4. Ações realizadas.....	15
5. Criação do solo “por todas as vezes que não falei”.....	18
5.1 Formulário “Lésbicas em foco”.....	19
5.2 Vozes lésbicas.....	27
5.3 Figurino.....	32
5.4 Cenários.....	38
5.5 Gravações e edições.....	44
5.6 Divulgação e retornos.....	56
6. Conclusão.....	59
7. Referências.....	60

Apresentação

O presente texto é um relatório com escrita livre, que busca descrever os procedimentos criativos e reflexivos alcançados durante o desenvolvimento da conclusão de curso de graduação em Dança Bacharelado da UFSM.

O trabalho foi inteiramente realizado ao longo do ano de 2020, e está dividido em sete partes que são divididas em: “Introdução” discorro, brevemente, sobre minha entrada na graduação, encontro com as metodologias do BPI e o começo do processo de olhar para minha lesbianidade; “Corpo em expansão” trago minhas primeiras experiências com o Método BPI, as reverberações que se sucederam e o porquê de escolhê-lo como catalisador do meu Trabalho de Conclusão de Curso; “A força lésbica” escrevo sobre as readaptações causadas pela pandemia do COVID-19, como o momento de isolamento social me levou a ter mais contatos com conteúdos lésbicos e como isso trouxe potências significativas para a minha dança; “Ações realizadas” descrevo os procedimentos executados para que essa pesquisa acontecesse; “Criação do solo ‘por todas as vezes que não falei’” apresento em seis subtítulos os percursos trilhados para construir o solo que é a síntese do trabalho; “Conclusão” conto o que ficou dessa pesquisa; “Bibliografia” mostro os livros, artigos, filmes e podcasts que me levaram a várias reflexões e entendimentos relatados neste arquivo.

Fez parte desse processo a criação de um trabalho de dança, intitulado "por todas as vezes que não falei". Ele pode ser assistido através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=9PY36C8DL3A>.

Compartilho com você este relatório e espero que possamos seguir conversando um pouco mais.

1. Introdução

No ano de 2017, com 16 anos, comecei minha jornada enquanto estudante do curso de Dança Bacharelado na Universidade Federal de Santa Maria. A aprovação, embora inesperada, foi um misto de felicidade, orgulho, nervosismo, medo e curiosidade. Influenciada por pressões e comentários negativos advindos da minha família, achava que seria uma experiência de curto prazo, pois no ano seguinte tentaria ingressar em outro curso. Contudo, ao dar início às aulas, sensações e vontades foram me tomando por inteira, pela primeira vez permiti que isso acontecesse sem saber das transformações que viriam a ocorrer.

Uma confusão recorrente é pensarem que na graduação em dança nós aprendemos todos os estilos e dançamos todos os dias, também pensava dessa forma ao entrar, mas descobri logo no começo que não funcionava assim. A maioria das disciplinas trabalham a partir da consciência corporal, o que foi totalmente novo para mim. As propostas feitas pelos(as) professores(as) com a intenção de provocar a escuta do meu corpo foi um processo dolorido, sentimentos e memórias que eu tentava ignorar por anos tornavam à superfície, e a vontade era de sair correndo. No entanto, ao permitir esses conteúdos escorrerem, sentia meu corpo mais leve e aberto para novas possibilidades de existir. Na medida em que os semestres passavam, a vontade de sair correndo diminuía e dava lugar a um intenso desejo de continuar. Fui percebendo como a dança não era e nem é apenas reprodução de movimento, com sua diversidade de procedimentos pode ser uma grande potência para nos levar a descobertas viscerais de nós mesmos.

Partindo desse entendimento, me aproximei e me apaixonei pelo Método BPI (Bailarino-Pesquisador-Intérprete), que consiste em uma metodologia para a formação e criação em artes da cena, enxergando o corpo a partir da integração de seus aspectos culturais, sociais, mentais, fisiológicos e emocionais. Suas práticas trazem para o corpo a consciência sobre sentimentos, imagens, sensações e memórias - vividas ou inventadas - muitas vezes não acessadas e/ou percebidas. O Processo BPI trabalha com a ação de desvelar alguns desses aspectos ocultos, negados ou esquecidos que ficam no inconsciente do sujeito, dando vazão aos conteúdos internos em prol de uma liberação do fluxo de sentidos que conduzem à elaboração dos movimentos e estarão presentes na criação em dança. Conforme

Flávio Campos e Graziela Rodrigues (2015, p. 492) “o método BPI busca a originalidade do intérprete através de um mergulho em seus próprios conteúdos internos [...]”. O mergulho em meus conteúdos me levou a espaços subjetivamente profundos, trazendo à tona muitas questões que precisavam ser olhadas, e em decorrência disso aconteceram transformações na minha dança e vida pessoal. Minha experiência conversa com o que Ana Carolina Lopes Melchert escreve em sua tese de doutorado. Segundo Melchert (2010, p.25), o processo BPI “prioriza o desenvolvimento do artista, dando condições a este de assumir sua identidade corporal e de gerar uma dança integrada e original”. O contato mais profundo com o Método BPI me proporcionou um maior entendimento pessoal, cultural e social da minha história, além de me ajudar a compreender como influências externas e/ou internas atravessam meu corpo e meu cotidiano. Foi a partir desta experiência processual formativa que percebi algo gritando dentro de mim: minha lesbianidade.

O movimento de olhar e dar voz a algo tão negado e silenciado socialmente tem uma força tamanha, foi por meio da arte que aprendi a direcioná-la e a usá-la como precursora das minhas criações. Assim, foi proporcionando novas aberturas para outras práticas e experiências que me trouxeram uma conexão maior com meu centro e minha dança. Uma dança que se expandiu para além das idealizações, traçando novas linhas, pontilhados, círculos e retângulos em minha caminhada. Me reconhecer lésbica abriu várias janelas e portas, mostrando a importância de olhar com atenção as histórias guardadas em cada célula do nosso corpo.

2. Corpo em expansão

Meu primeiro contato com o Método BPI aconteceu em 2017, em uma disciplina denominada “Consciência corporal II” ministrada pelo professor Flávio Campos. Fiquei intrigada pela forma singular de olhar para o corpo e poder dançar sem me preocupar em estar “certa” ou “errada”. Com as realizações das práticas corporais propostas pelo professor, meu tônus corporal ficava mais ativado, disponível e sensível ao espaço e às pessoas. Aos poucos, ia me percebendo mais atenta a tudo (ou quase tudo) que ia sentindo durante esses momentos. Lembro da sensação de desconforto e estranhamento ao pegar pela primeira vez o giz, riscar no chão um círculo e ouvir que ele representaria a extensão do meu corpo, sendo assim, era um espaço seguro para dançar livremente. Fiquei surpresa ao entrar e perceber meu corpo carregando em seus movimentos inúmeras memórias, imagens e sentimentos da minha infância, adolescência e, inclusive, do meu imaginário.

Outras práticas como essa (que mais tarde descobri serem chamadas de *dojo*¹) foram feitas no decorrer desta disciplina e, dentro delas, minha sexualidade foi aparecendo com mais frequência, embora às vezes de forma sutil. Era dolorido e até mesmo difícil dar fluxo aos movimentos necessários para liberar os conteúdos que vinham juntamente com essa questão, diversas vezes ficava paralisada ou repetindo constantemente o mesmo movimento, sem conseguir sair do lugar. Na última aula da disciplina, peguei o giz e risquei o chão, entrei no meu espaço e dancei na frente do professor e das(os) colegas, a respeito dos atravessamentos e descobertas que ocorreram naquele semestre. Enquanto dançava, lágrimas escorreram pelo meu rosto e eu arranhava minha pele ao sentir algo queimando dentro de mim, tentei segurar em vão, acabou saindo e pela primeira vez minha sexualidade foi falada. As reverberações após esse primeiro contato com o Método BPI, transformaram-se em ações como cortar o cabelo na altura dos ombros, colocar piercings, me permitir ter relações afetivas e sexuais com outras mulheres e dançar sem tantos julgamentos.

Em 2019, no 5º semestre, voltei a ter aulas que utilizam as metodologias do BPI com o professor Flávio Campos. Nesse momento, já estava com o cabelo mais

¹ O Dojo é um espaço delimitado, geralmente com um risco de giz no chão, que metaforicamente representa uma extensão do nosso corpo e dentro dele trabalhamos com as memórias corporais (vivas e inventadas) através da dança.

curto, tinha tatuagem, outros piercings e me identificava como lésbica. Na DCG (disciplina complementar da graduação) “Ateliê de criação: concepção e produção de solo”, um dos objetivos era elaborar um solo e, assim, criei um intitulado: “*A flor da pele*”. Nesse solo eu trouxe questões da fase do ciclo menstrual conhecida como TPM (tensão pré-menstrual), que é caracterizada como um momento bastante intenso, o qual traz para o externo aquilo que há de mais profundo em nós, conseqüentemente, muitas vezes acabamos sendo reprimidas, julgadas e, até mesmo, temidas. Durante a elaboração do solo, desenterei e tornei visível sentimentos, sensações, memórias e imagens, provocando a vazão e elaboração a cada uma delas através do *dojo* e dos *diários*.

Uma das imagens mais recorrentes dentro do meu espaço era a de estar presa em uma caixa de madeira embaixo da terra, gritando, batendo, chorando e querendo muito, muito sair, mas ninguém me ouvia. Para conseguir sair desse lugar foi preciso um esforço gigantesco, meu corpo pingava suor, e conforme ia saindo da caixa muitos sentimentos e memórias começavam a ser liberadas, me conduzindo a momentos intensos e dolorosos da minha vida. Os meus movimentos até então contraídos e espremidos, deram espaço para novos movimentos, agora mais livres e expandidos. Com a direção do Flávio, consegui perceber como minha lesbianidade andava lado a lado com todos esses conteúdos que estavam se mostrando incrustados no meu corpo. Aquele corpo foi enterrado vivo inúmeras vezes e, mesmo quando me reconheci e comecei a falar que era (sou) lésbica, ainda haviam diversas coisas acompanhadas da minha sexualidade que eu precisava olhar e falar.

O processo de criação do solo “*A flor da pele*” trouxe percepções profundas sobre minha história que me fizeram mudar o olhar sobre ela, e foi a partir dessa experiência tão significativa que quis me aproximar ainda mais do Método BPI. Sendo assim, em junho de 2019, comecei a participar do Projeto de Pesquisa intitulado “Manifestações populares e o método BPI: uma proposta de mapeamento regional a partir da pesquisa de campo” e em Agosto de 2019, como Bolsista Voluntária do Grupo de Pesquisa “Processo BPI: formação e criação em Dança do Brasil”, ambos coordenados pelo professor Flávio Campos. Nos encontros ocorridos semanalmente, lemos e discutimos sobre a estrutura existente nas elaborações artísticas com o BPI. Comecei a descobrir estudos, eixos e ferramentas que davam base para seu

desenvolvimento, fui percebendo sua complexidade e passei a me dedicar em conhecer mais o Método.

Estudar e pensar o Método de forma prático-teórica fez com que meu corpo se reorganizasse, o que antes parecia sem muito sentido foi realizado com mais atenção, compreensão e segurança. Pelo BPI despertei a visão do corpo através da integração dos aspectos fisiológicos, mentais, emocionais, culturais e sociais, entendendo como o eu-corpo guarda na pele, nos ossos e nos músculos tantas memórias e histórias. Movimentar minhas bagagens fez liberar espaços, ter mais consciência da minha história, do que me atravessava, e com isso pude descobrir que tenho muitos conteúdos para falar e criar em dança.

O Método expandiu minhas noções do ser e fazer artístico, saí do movimento repetido e idealizado para o movimento sincero e visceral. Esse fato se atrela a algo que Graziela Rodrigues, criadora do Método BPI, escreveu em sua tese de doutorado: “a pessoa que vivencia este Processo passa a se ver sob outro prisma. Há uma expansão do que ela vê fazendo parte de si. Pode-se dizer que este Processo catalisa o desenvolvimento pessoal do artista.” (RODRIGUES, 2003, p. 146). Após ter noção da potência do BPI e das transformações que ele me trouxe, escolhi que ele seria o catalisador² do meu processo com o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Entendo o processo BPI como catalisador desse trabalho, pois seus eixos e ferramentas viabilizam o alcance da reflexão dentro de um espaço-tempo ainda mais restrito por causa da pandemia. Pela estruturação do BPI acessei e compreendi como meu tema de TCC me atravessa tão fortemente.

² Catalisador na química é uma substância que impulsiona o aceleração da velocidade de algumas reações químicas. O Método BPI é o catalisador do meu processo, pois ele impulsiona, estimula e alimenta meu Trabalho de Conclusão de Curso.

3. A força lésbica

Criei muitas expectativas no início do ano de 2020 de como seria o meu possível último ano na graduação em Dança Bacharelado. A dinâmica do nosso curso é juntar as formandas(os) numa turma com um único orientador e, partindo das nossas pesquisas individuais, montar um espetáculo com a síntese de todo trabalho produzido no ano. Quando descobri que minha turma tinha (tem) oito pessoas, as quais admiro e tenho carinho, fiquei muito empolgada pensando em como seria extremamente incrível o processo de criação, o resultado e a apresentação. Concomitantemente, estava nervosa por ser o último ano e curiosa sobre como seria o desenrolar da minha pesquisa ao compartilhar momentos com as(os) colegas porém, na segunda semana de aula do 7º semestre, tivemos uma notícia que mudou todos os planejamentos: suspensão das aulas presenciais por conta da pandemia mundial causada pelo COVID-19.

Tiveram que ser feitas readaptações devido essa mudança inesperada, as aulas começaram a acontecer de forma virtual e o meu quarto em casa (com pouco espaço) se tornou o lugar para explorar os movimentos. Os encontros com a turma e orientador passaram de três vezes semanais, para apenas uma. No primeiro mês do isolamento social eu ainda tinha esperança de que não demoraria para voltarmos às aulas presenciais. Estava sendo muito difícil dançar na minha casa, o espaço era pequeno e tinha muito barulho da família. Eu queria e precisava estar logo no prédio da Dança e ver outras pessoas mas, a situação do Brasil e de Santa Maria parecia ficar cada vez mais complicada, portanto, a volta da normalidade cotidiana foi sendo adiada. Com o passar do tempo, fui sentindo meu corpo meio paralisado e o medo de não saber por onde começar minha pesquisa foi me consumindo. Tudo parecia ser muito incerto e sem direção.

Em maio, terceiro mês do isolamento social, entrei para um clube de leitura criado apenas para lésbicas, com o intento de ter mais interação com outras pessoas. Os encontros eram semanais e, pelas sugestões e comentários das mulheres participantes, comecei a ter contato com diversos livros e filmes com temática sáfica³

³ O termo sáfica vem da poetisa grega Sappho/Safo que morava na ilha Lesbos e escrevia poemas sobre o amor entre mulheres. É de sua história que a palavra 'lésbica' surgiu.

e passei a acompanhar vários perfis nas redes sociais de sapatonas⁴ artistas, poetisas, escritoras, influencers, psicólogas, criadoras de conteúdos e/ou ativistas sociais. Começar a acompanhar essas mulheres que se reconhecem como lésbicas, falam disso com naturalidade e sustentam um discurso político e firme, me levaram a ter reflexões profundas sobre a lesbianidade. A relação com meu corpo, sentimentos e desejos, foram mudando e, conseqüentemente, a forma de me posicionar no mundo, também. O contato diário com os assuntos postados pelas mulheres sapatonas, abriu caminhos importantes e trouxe a chama necessária para principiar a volta da minha vontade de dançar. Quando dancei, percebi meus movimentos maiores e ocupando mais espaços, tudo em mim parecia diferente. Mergulhar nas questões diversas que rodeiam a lesbianidade foi como me descobrir novamente, a necessidade de falar sobre minha sexualidade transbordava cada vez mais forte pelo meu corpo.

Fundamentada nesse entendimento, decidi pesquisar mais a fundo os atravessamentos da lesbianidade na minha dança e alguns questionamentos começaram a surgir como impulsos: ter contato com assuntos lésbicos muda algo nos meus movimentos? Se sim, o que muda? Como meu corpo se reorganiza após esses contatos? Quais sensações, sentimentos, memórias e imagens vêm à tona? Acontecem transformações no meu jeito, na minha história? Se sim, aonde? Nos cabelos, roupas, pêlos, relações, poemas ou outro espaço? Porque falar, estudar sobre isso faz tanta diferença no modo como crio dança? Essas perguntas eram frequentemente lembradas dentro dos meus *dojos* e davam vazão ao *Fluxo dos Sentidos*⁵ - procedimento essencial para a liberação e integração dos conteúdos que iam fazendo morada em meu corpo. A partir disso, fui alcançando mais consciência de como as forças lesbianas se faziam presentes e influenciavam nas minhas criações em dança.

⁴ O termos “sapatona” e “sapatão” são palavras muitas vezes usadas de forma pejorativa e nos apropriarmos delas é transformá-las em resistência;

⁵ Este procedimento está contido dentro da Técnica dos Sentidos, uma das ferramentas do Método BPI em que se dá a liberação e elaboração das memórias, sentimentos, imagens, sensações e memórias (incrustadas em nossos corpos) através dos movimentos. É um momento em que estamos conectadas com o momento presente, levando a atenção aos conteúdos da nossa história corporal para dar fluxo a eles. Para saber mais, ler “O fluxo dos Sentidos na dança performativa” de Mariana Dias Jorge (2016).

4. Ações realizadas

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram realizadas diversas ações que reforçaram o objetivo do meu trabalho: compreender pelo corpo os atravessamentos da lesbianidade na minha dança, tendo o Método BPI como catalisador e, a partir de tudo isso, elaborar um solo. O desenvolvimento teve duração de dez meses, que contam de abril de 2020 até janeiro de 2021 (já considerando a adequação do calendário devido a suspensão das atividades presenciais).

A decisão da lesbianidade ter um destaque tão nítido no meu trabalho me levou a buscar livros, documentários, filmes, artigos, perfis nas redes sociais, podcasts e lives no Youtube/Instagram que abordavam a temática. Pelas buscas, passei a ter contato com distintas vivências (muitas atravessadas pelo racismo, gordofobia, misoginia, capacitismo, entre outras violências) e com termos usados exclusivamente para se referirem a lesbianidade, como: lesbofobia (violência física ou verbal contra mulheres lésbicas), sáfica, lesbiana (lésbica na língua espanhola), lesbovivências (vivências lésbicas) e caminhoneiras (lésbicas que vão contra as imposições da feminilidade). Ademais, pude aprofundar meu conhecimento acerca das seguintes terminologias: heterossexualidade compulsória,⁶ patriarcado⁷, feminilidade imposta⁸ e socialização feminina⁹. Ir ao encontro de tamanha multiplicidade ampliou meu entendimento a respeito da importância de falar sobre ser lésbica e, ao mergulhar fundo nessas questões, acabei deixando meu corpo de lado. Percebendo isso e sabendo da necessidade de absorção dos conteúdos teóricos, comecei a tentar levar esses aprofundamentos para minha dança.

Com o Método BPI sendo meu catalisador, procurei estudá-lo mais e entender como seus eixos e/ou ferramentas poderiam me ajudar a falar pelo corpo e pela voz sobre minha lesbianidade. No começo foi difícil a junção dessas duas potências, era complicado ver como através do BPI falaria da minha sexualidade, pois ele trabalha muito com manifestações brasileiras que estão presentes em nossos corpos. Vamos compreendendo, por meio de seus desdobramentos e pelos movimentos dançados,

⁶ Ler o artigo “Heterossexualidade compulsória e existência lésbica” de Adrienne Rich;

⁷ Sistema institucionalizado da dominância masculina sobre as mulheres em todas as esferas da sociedade;

⁸ Descrevo mais sobre esse termo no tópico “figurino” (p.32);

⁹ Também descrevo no tópico “figurino”.

marcas nas nossas histórias que fazem parte dessas manifestações, muitas vezes esquecidas e negadas a nós. Então, onde entraria minha lesbianidade no Método BPI? Com as orientações do professor Flávio Campos consegui entender os encaixes e desenvolver a pesquisa mais tranquilamente.

Como relatado no tópico “Corpo em expansão” deste trabalho, minha sexualidade aparecia nas primeiras práticas realizadas com alguns aspectos do Processo BPI. No solo “*A flor da pele*”, que mais tarde compreendi que foi um adentrar no eixo *Inventário no Corpo*, ela veio mais forte, mostrando memórias e sentimentos cruciais que estavam junto dela. Esse eixo *Inventário no Corpo* é essencial para todo o Processo artístico desenvolvido pelo Método BPI, é onde desbravamos nossa história pessoal entrando em contato profundo com significativa parte do que envolve nossa individualidade. Nesse sentido, Ângela Nagai afirma em sua dissertação de mestrado: “no Inventário no Corpo, abrimos as malas, os baús, pequenos envelopes amarelados; destrancamos gavetas, janelas, espalhamos fotografias, cavamos poços, entramos em quartos escuros, acendemos as luzes” (NAGAI, 2008, p.3). Por meio dele, vamos tomando consciência de como nosso corpo guarda desde os pelos até os ossos, as histórias e memórias que fazem parte da nossa vida. O professor Flávio Campos me ajudou a entender como a necessidade de pesquisar questões da lesbianidade, relacionava-se com o querer desvelar mais ainda minha história pessoal. Então, para adentrar profundamente no eixo *Inventário do corpo*, precisei estudar algumas ferramentas do BPI que ajudariam nesse processo: *dojo*, *Técnica de dança*, *Técnica dos Sentidos (Fluxo dos Sentidos)* e *Diários*.¹⁰

Nos *dojos* que realizei durante essa pesquisa percebi como a absorção dos temas teóricos (relacionados ou sobre a lesbianidade) iam se mesclando na minha história. Com o trabalho da *Técnica de Dança* eu me preparei e me abri cada vez mais para o trabalho com o próprio *dojo* e dos conteúdos que já estavam mais aparentes e à flor da pele em meu corpo. A *Técnica dos Sentidos* ajudou a elaborar e compreender as imagens, sensações, sentimentos e memórias que afloraram dentro dos *dojos* e ao ir compreendendo-os, o *Fluxo dos Sentidos* acontecia através dos movimentos. Ou seja, essas ferramentas do Método BPI precisam coexistir para ocorrer uma experiência fluida de produção da consciência sobre o que está

¹⁰ Sobre as ferramentas do método BPI, vide Rodrigues (2003 e 2010).

acontecendo no corpo. Nos meus *diários* relato através de poemas, escritas e desenhos as imagens, reflexões, sentimentos, sensações e memórias que apareceram no decorrer e após as práticas nos *dojos*. Lembro de muitas vezes sentir raiva, medo, nojo, ódio e querer justiça enquanto dançava lembrando do apagamento, exclusão, silenciamento e repressão que mulheres lésbicas passaram ao longo da história e que continuam passando no presente. Meu corpo ardia pela fúria que percorria meu sangue e os movimentos nessas horas ficavam pesados, fortes e precisos. Também senti acolhimento, leveza e carinho diversas vezes, como se estivesse junto de outras mulheres lésbicas e, por conta dessas sensações, meu corpo pulava, rodopiava, girava. Na medida em que as práticas aconteciam, foram integrando-se imagens, sentimentos e memórias, gerando movimentos expansivos, fluidos e vivos.

Apesar das mudanças inesperadas ocorridas no ano de 2020 devido a pandemia do COVID-19 (ter aulas virtuais, dançar dentro do meu quarto, não criar mais um espetáculo com minhas/meus colegas, sentir meu corpo paralisado, etc), o processo do meu Trabalho de Conclusão de Curso estava tomando forma e, ao chegar perto do mês estipulado para a criação do solo, decidi que seria apresentado pela forma de vídeo em movimento. Para esse vídeo acontecer mais ações foram realizadas: criei o formulário “Lésbicas em foco” com o intuito de buscar impulsos para a elaboração; ponderei sobre o figurino; escolhi cenários que dialogassem com minha história; pensei se gostaria de sons durante o vídeo e quais seriam; refleti se criaria os movimentos antes de gravar ou se sentiria no momento quais viriam à tona; pensei em como o *dojo* apareceria; procurei alguém para editar o vídeo; criei um flyer e analisei de qual forma a divulgação aconteceria. Todas essas ações serão relatadas no tópico a seguir.

5. Criação do solo “por todas as vezes que não falei”

Figura 1 — Registro feito durante as gravações do solo (25/11/2020), por Mariana Munhoz Goulart:



5.1 Formulário “Lésbicas em foco”

“Quando escuto sua voz
encontro a minha
quando te vejo ocupando espaços
minha vontade é ocupar também
quando lembro de sua existência
tenho vontade de existir também
quando percebo teus movimentos
cresce a vontade de me mover também

Não somos iguais
tão pouco parecidas
mas tem uma força que nos une
que nos aproxima de alguma forma
então quando te vejo
me vejo
porém não somos iguais
tão pouco parecidas
apenas é bom
ouvir tua voz
te ver ocupando espaços
lembrar da sua existência
ver teus movimentos
e me encontrar.”
- poema autoral (24/11/2020)

Por compreender melhor a força que é me reconhecer lésbica e todas as mudanças que vieram conjuntamente, tive muita vontade de saber como foi esse movimento para outras mulheres. Comecei a acompanhar lésbicas nas redes sociais e, conversando com minhas amigas lésbicas do clube de leitura, pude perceber como esse processo também foi forte e gerou mudanças significativas para suas vidas. Entrar em contato com outras vivências lésbicas trouxe para meu corpo impulsos de criação e, deste modo, tive a ideia de elaborar um formulário de perguntas para ler mais relatos sobre ser e se entender lésbica.

No dia dez de Novembro de 2020, postei nas minhas redes sociais o formulário “Lésbicas em foco”, dois dias depois, encerrei a consulta com o total de 74 respostas. Ver a movimentação que as mulheres fizeram para compartilhar meu formulário, me deixou emocionada e empolgada para ler as respostas. A criação deste formulário se desenvolveu em um sábado, sentada na sacada térrea do meu apartamento escutando músicas, de vez em quando levantava para dançar, e lembrei-me dos

caminhos tomados para chegar na lesbianidade como tema principal do meu TCC. Questionamentos tomavam conta dos meus pensamentos: por que a vontade de fazer esse formulário? O que quero realmente com essas respostas? Espero algo específico? Entre danças, músicas, questionamentos e lembranças, fui elaborando as perguntas e a vontade era de fazer muitas, mas sabia que poderia ficar cansativo de responder. Mariana, minha namorada, me ajudou a entender que talvez fosse melhor compactar as perguntas e tentar trazer o corpo junto de alguma forma. Pensei em maneiras de juntá-las, vendo quais seriam mais potentes para o meu trabalho de criação em dança, e o corpo, mesmo que de forma indireta, estava presente nelas.

Com as perguntas prontas era o momento de passar para o Formulários Google (aplicativo gratuito do Google feito para coletar informações em grandes ou pequenas quantidades). Tentei deixá-lo bem convidativo e tranquilo, as respostas eram de forma anônima, na descrição situei meu nome, o curso que faço, cidade onde resido, expliquei minha intenção com a pesquisa (ler outras vivências/relatos de mulheres lésbicas e usar essas escritas para dar impulsos e potências ao meu Trabalho de Conclusão de Curso), inseri a foto da bandeira lésbica. Ademais, deixei explícito que poderiam responder só as obrigatórias, as respostas poderiam ser elaboradas da forma que quisessem (com palavras, textos, poemas autorais, poemas de outras pessoas, link de música/vídeo, perfis de instagram ou twitter), no final, acrescentei meu e-mail e nome de usuário da rede social Instagram, para caso tivessem dúvidas ou vontade de conversar comigo. Ficaram dez perguntas no total, sendo seis obrigatórias e algumas eram de marcar opções. Ao postá-lo fiquei animadíssima, acompanhar as devolutivas e compartilhamentos foi incrível, algumas mulheres me chamaram agradecendo pelo formulário sensível, outras para dizer o quão importante é ter trabalhos acadêmicos de lésbicas falando sobre lésbicas e as reverberações das suas falas faziam meu corpo se encher de força e vontade de dançar.

Figura 2 — Descrição do formulário “Lésbicas em foco”:

Lésbicas em foco

Olá, sapatonas!
Sou Clarissa Iensen, graduanda do 8º semestre de Dança Bacharelado na UFSM, em Santa Maria RS.
No momento, estou realizando meu Trabalho de Conclusão de Curso e nele pesquiso os atravessamentos entre a dança e a lesbianidade, tendo minhas vivências como pontapé. Minha intenção com esse formulário é ler outras vivências/relatos sobre se entender e ser lésbica e, também, usar essas escritas para dar impulsos e potências à esse trabalho. Se sintam à vontade para responder com palavras, escrever textos, compartilhar poemas seus (ou não seus), links de músicas/vídeos, perfis do Instagram ou Twitter, enfim, o que for importante para vocês. E está tudo bem responder só as obrigatórias, mas se quiserem responder as outras, será ótimo :)

Obrigada por entrarem nesse link e aguardo, com carinho, suas respostas <3

Qualquer dúvida ou/e vontade de conversar comigo podem entrar em contato pelo e-mail clah.iensen@gmail.com ou pelo Instagram @raizdefogo.

***Obrigatório**

Figura 3 — Bandeira lésbica e pergunta inicial do formulário:



O que, pra ti, é ser lésbica?

Sua resposta _____

Figura 4 — Perguntas obrigatórias do formulário:

Você acha que depois de se entender como sapatão sua relação consigo mesma mudou? (com o corpo, os sentimentos, a alimentação, começar a se permitir mais, a ter mais momentos consigo, entre outras) *

mudou um pouco

mudou muito

não mudou

não sei se mudou

Caso a resposta seja que mudou, cite algumas mudanças. *

Sua resposta _____

Ao pensar em lésbicas/sapas/sapatonas sensações, sentimentos ou memórias vem à tona? Se sim, quais? *

Sua resposta _____

Figura 5 — Perguntas obrigatórias do formulário II:

E ao pensar que você é lésbica/sapa/sapatonas sensações, sentimentos ou memórias vem à tona? Se sim, quais? *

Sua resposta _____

Você acompanha outras lésbicas nas redes sociais? *

sim

não

mais ou menos

Se a resposta foi "sim" ou "mais ou menos", gostaria de saber se notou alguma diferença em você após seguir essas mulheres (talvez uma sensação de pertencimento ou de exclusão, vontade de fazer um coletivo, sua criatividade aumentou ou ressurgiu ou diminuiu, quis ter amigas lésbicas próximas, entre outras). *

Sua resposta _____

Figura 6 — Perguntas não obrigatórias do formulário:

Você vê a lesbianidade como um ato político?

sim

não

não sei

se quiser comentar algo relacionado a pergunta anterior, fique a vontade :)

Sua resposta

Espaço livre para escrever o que quiser sobre o assunto (compartilhar músicas, vídeos, documentários, perfis de redes sociais, relatos seus, relatos de alguém, entre outros).

Sua resposta

Enviar

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Depois de fechar o formulário, reservei um tempo para ler as respostas e a cada palavra lida, sentia fúria em forma de coragem tomando conta de mim. Teve uma potência e importância imensurável estar em contato com tantas outras vivências lésbicas e compreender os diversos atravessamentos existentes na lesbianidade, isso ressoava com minhas pesquisas teóricas. Os gráficos também mostraram muita importância para me dar confiança e sustentar os entendimentos de como o reconhecimento da sexualidade lésbica traz muitas transformações. Além disso, causou um reforço na minha ideia de que acompanhar lésbicas nas redes sociais pode nos levar ao encontro de sensações de acolhimento, pertencimento e força, mesmo com as diferenças existentes. Outro ponto importante, foi compreender que a lesbianidade é um ato político, justamente, por ir contra tantas limitações impostas às mulheres. Nas respostas coletadas observei, ainda, como a maioria das mulheres relataram processos parecidos, tais como: passar pela heterossexualidade compulsória; aceitação de seus pelos; olhar mais para si mesmas; se permitir criar artisticamente; negar a feminilidade imposta; sentir em algum momento da vida nojo e/ou vergonha da sua sexualidade; entender a diferença que foi conversar, ouvir e

conviver frequentemente com outras mulheres lésbicas. Os relatos me levaram a inúmeros lugares, desde as memórias mais incríveis, até aquelas cheias de sentimentos de raiva, dor e medo. As percepções que foram geradas em mim pelo formulário, trouxeram tantas sensações, sentimentos, imagens e memórias que, após ler várias vezes, senti a necessidade de abrir *dojos* e deixar transbordar pelos meus movimentos os afetos deixados.

Figura 7 — Gráfico dos resultados de uma pergunta obrigatória do formulário. 79,7% votou “mudou muito”, 12,2% votou “mudou um pouco”, 4,1% votou “não sei se mudou” e 4,1% votou “não mudou”:

Você acha que depois de se entender como sapatão sua relação consigo mesma mudou? (com o corpo, os sentimentos, a alimentação, começar a s...mais, a ter mais momentos consigo, entre outras)
74 respostas

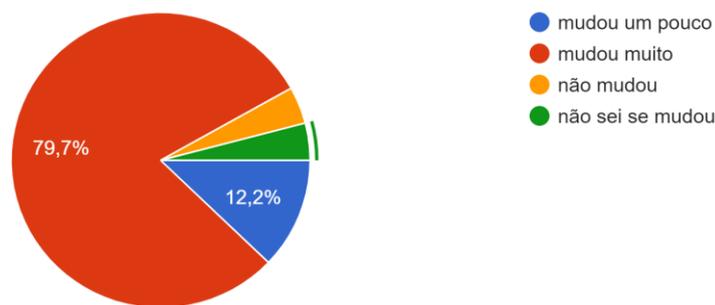


Figura 8 — Gráfico dos resultados de uma pergunta não obrigatória do formulário. 94,6% votou “sim”, 4,1% votou “mais ou menos” e 1,4% votou “não”:

Você acompanha outras lésbicas nas redes sociais?
74 respostas

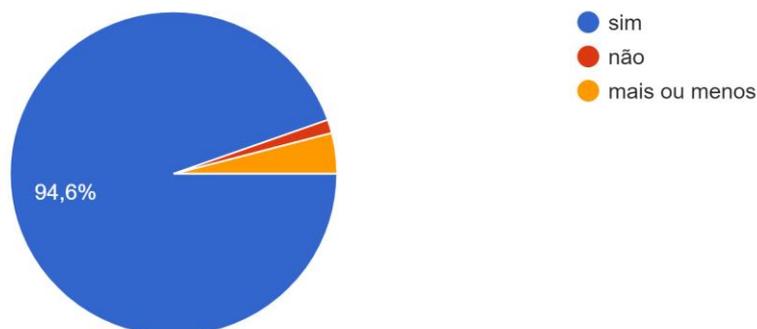
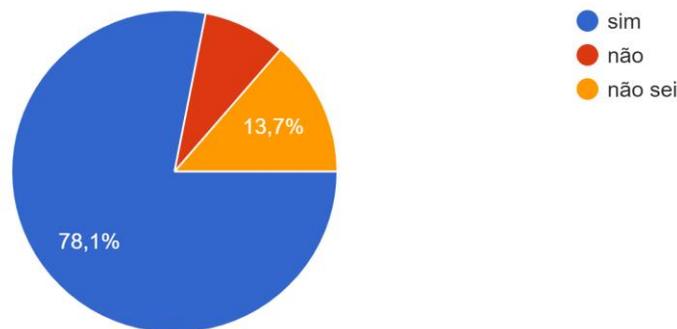


Figura 9 — Gráfico dos resultados de uma pergunta não obrigatória do formulário II. 78,1% votou “sim”, 13,7% votou “não sei” e 8,2% votou “não”:

Você vê a lesbianidade como um ato político?
73 respostas



O primeiro *dojo* realizado após as leituras foi tão intenso que no final da prática meu corpo tremia inteiramente, sentia em cada parte minha uma vontade imensa de viver. Quando peguei o giz e marquei no chão o espaço em volta do meu corpo, lembro que achei grande e fiquei curiosa sobre como seria o desenrolar daquela prática. Ali dentro lembrei de cada palavra lida e das mulheres que vieram falar comigo após responder. Meu corpo estava ficando cheio e borbilhava a vontade de se derramar.

Nos primeiros movimentos, vieram muitas lésbicas em minha mente e, enquanto me movia, várias mulheres se moviam juntas. Não como se eu as movesse ou elas me movessem, a gente ia juntas. (Diário da autora, 21/11/2020).

Com essa sensação de não estar sozinha, me permiti desequilibrar e testar movimentos completamente diferentes, pois sabia que elas estariam comigo e não me deixariam cair. Através de meu corpo ia sentindo minha história sendo atravessada fortemente por esses relatos tão únicos e cheios de coragem. Por e com eles fui ao encontro de movimentos que habitavam em lugares mais profundos de mim, ao liberá-los senti-me cada vez mais confiante do meu trabalho de TCC. Compreendendo a importância de mover meu corpo lésbico e de mostrar que existo tanto num âmbito pessoal, quanto academicamente falando.

As mulheres, lésbicas ou não, que li, escutei e vi durante as pesquisas apareceram bastante nos *dojos* realizados depois da coleta do formulário e, pela

passagem do *Fluxo dos Sentidos*, movimentos grandes, espaçosos e fluidos eram liberados integrando e ativando meu corpo.

Enquanto dançava olhava para minha sombra e era como olhar várias mulheres. (Diário da autora, 21/11/2020).

As reverberações causadas em mim pelo formulário foram tantas que a partir disso senti o desejo de compartilhar as respostas de alguma forma. Conforme esse desejo ia criando estrutura, as palavras de Audre Lorde, presente em seu artigo *A transformação do silêncio em ação*, ecoavam em minha cabeça: “Nos lugares em que as palavras das mulheres clamam para ser ouvidas, cada uma de nós devemos reconhecer a nossa responsabilidade de buscar essas palavras, de lê-las, de compartilhá-las e analisar a pertinência delas na nossa vida” (LORDE, 1977, p.55). Então, fui em busca da melhor forma para compartilhá-las, entendi que os relatos das mulheres lésbicas precisavam ser lidos ou escutados.

5.2 Vozes lésbicas

“Vozes profundas
me encontram
penetrando nas partes mais intrínsecas

Vozes profundas
espalham encontros
escorrem verdades
fico com vontade
de gritar dançar cantar

Vozes profundas
atravessam meu corpo
formando casas lares lugares

Vozes profundas
me deixam
totalmente
afetada.”

-poema autoral (02/12/2020)

Pelo entendimento de ser importante o compartilhamento das respostas coletadas pelo formulário “Lésbicas em foco”, comecei a pensar em formas que gostaria de mostrá-las na videodança. Primeiramente, veio a ideia de fazer algo parecido com o que fiz no solo “*A flor da pele*”, criado em 2019, o qual tinha em volta do *dojo* papéis coloridos escritos à mão com os relatos das mulheres sobre suas TPMs. Portanto, pensei em transcrever algumas respostas das mulheres lésbicas para folhas de papel branco e espalhá-las no chão do cenário. Essa ideia se manteve por bastante tempo, porém não me sentia totalmente satisfeita e tentei pensar em outras maneiras, além dessa, de colocar as escritas no espaço e no vídeo. Outras ideias surgiram, como aparecer algumas frases no vídeo enquanto dançava, escrevê-las diretamente no chão, colar nas paredes e móveis do cenário mas, ainda assim, nenhuma delas parecia transmitir a força desses relatos. Até que cheguei em uma que fez meu corpo arrepiar e soube que seria por ela que as escritas das mulheres lésbicas seriam compartilhadas.

No dia 30 de novembro de 2020, mandei mensagens pelas redes sociais e também perguntei, através da ferramenta “amigos próximos”¹¹ do Instagram, se algumas lésbicas gostariam de participar de algo para o meu TCC. Conforme as pessoas aceitavam o convite, eu tentava explicar direitinho o que era preciso fazer. Minha ideia foi chamar lésbicas com quem tenho vínculos, mesmo que mínimos, para lerem e gravarem alguns fragmentos de relatos coletados dos formulários. Então, eu usaria esses áudios como som - trilha sonora - do solo em dança. Organizei no PowerPoint quais trechos gostaria que fossem lidos, escolhendo-os através das sensações que vinham para meu corpo e, na medida que ia mandando para as mulheres, escrevia os nomes ao lado do trecho e anotava quando recebia o áudio, deixando tudo organizado ao máximo que conseguia. Por ter adiado essa demanda para duas semanas antes da edição do vídeo, estava bastante receosa de que não fosse dar tempo de recolher os áudios, fiquei questionando até que ponto eles eram tão importantes. Mas, na verdade, eu ainda tinha um medo maior por trás: deixar muito explícito que o trabalho falava de lésbicas.

Desde muito novas, mulheres são ensinadas a não falar sobre o que pensam, sentem ou acreditam. Além disso, dependendo da sua sexualidade, raça, classe ou a junção desses atravessamentos, o silêncio é muito mais cobrado, fazendo morada nas entranhas. Ter tido medo de falar explicitamente sobre o assunto do meu trabalho surgiu da dúvida de como as pessoas receberiam, e isso é resultado dos muitos anos sendo reprimida e silenciada, tanto pela família, quanto pela sociedade: “pra que falar que é lésbica, por que não guarda isso só pra ti?”, “qual a necessidade de se expor assim? Não vê que isso é feio?”, “preferia quando tu não sabia”. Frases como essas me ensinaram a ficar em silêncio e a temer minha voz, fazendo-me paralisar inúmeras vezes. Apesar dos áudios com os trechos não serem exatamente com minha voz, sentia o medo me esmagando mais uma vez por querer compartilhar algo que me atravessa tão fortemente. Com isso, meu corpo foi diminuindo, diminuindo, diminuindo... Recorri ao livro *Irmã Outsider* que contém alguns ensaios e conferências da escritora Audre Lorde, uma mulher que trazia e afirmava em seus poemas e artigos sobre a importância de deixar escapar, pelos nossos lábios e pelas ações, a nossa voz. Suas escritas me encheram de coragem, fazendo meu corpo se expandir e soube que sim, teria as vozes de mulheres lésbicas lendo as respostas de outras mulheres

¹¹ Ferramenta que nos permite escolher quem pode ter acesso às nossas postagens.

lésbicas e, no final do vídeo teria minha voz lendo um poema escrito por mim. O trabalho é sobre meu corpo lésbico querendo falar e dançar tudo o que não falou e não dançou. Eu quis deixar isso explícito e deixei, pois estava cansada de abafar minhas vontades e crenças por outras pessoas. Como disse Audre Lorde: “Meus silêncios não me protegeram. Seu silêncio não vai proteger você” (LORDE, 1997, p.52). Mesmo com essas compreensões, o processo de falar ainda é difícil e isso aparece nos momentos de escrita desse trabalho, o silêncio tenta me tomar muitas vezes, é preciso ter paciência e persistência para não deixá-lo me enterrar novamente.

Com a decisão de manter a ideia, continuei mandando os trechos e ao receber os áudios, emoções se faziam presente. As vozes de diferentes sotaques iam me penetrando e se transformando em potências de criação. Os relatos escolhidos já continham em suas linhas forças, impulsos, medos, raivas, tristezas e determinações, mas ao serem lidos por diferentes mulheres, tudo se multiplicava e fazia morada em meus movimentos. Por ter separado muitos trechos a Mariana, Flávio e Júlia (minha amiga) comentaram comigo que poderia ficar um tanto cansativo ou repetitivo no vídeo e talvez fosse melhor revisar e diminuir a quantidade de relatos. Mesmo sabendo o quanto todos eles carregam histórias únicas, fui tirando da lista os que continham palavras ou sentidos próximos, tentando reduzir o total de áudios que poderia receber. Durante a organização de mandar trecho, receber áudio, ouvi-los sozinha ou com a Júlia e a Mariana e anotar tudo isso no PowerPoint, estava também pensando em outras coisas super importantes do e para o vídeo: poema final, edição das cenas, outros sons, como seria a transmissão, dia de estreia, etc. Em meio a todas essas demandas, buscava sempre trazer a atenção para o meu corpo e ir dançando, praticando yoga e alongando para deixá-lo mais sensível e aberto às novas sensações, sentimentos, memórias, imagens e/ou movimentos que poderiam vir.

Ver tantos áudios juntos na pasta do celular e lembrar que eram as vozes de mulheres lésbicas lendo relatos de vivências de outras mulheres lésbicas foi algo extremamente lindo e grandioso. Todas as 74 mulheres que responderam o formulário “Lésbicas em foco” em três dias, e todas as 19 mulheres que leram os áudios, fizeram essas ações voluntariamente e isso mostra e confirma duas coisas: primeiramente, a potência que reside nas sapatonas e, a vontade de falar sobre as lesbianidades diversas; segundo, como juntas podemos causar revoluções também em forma de arte. Sou extremamente grata por todas essas mulheres que responderam o

questionário e mandaram áudios com suas vozes, pois sem elas, esse trabalho não seria tão potente.

Figura 10 e 11 — Alguns dos trechos que separei no PowerPoint para as mulheres lerem:

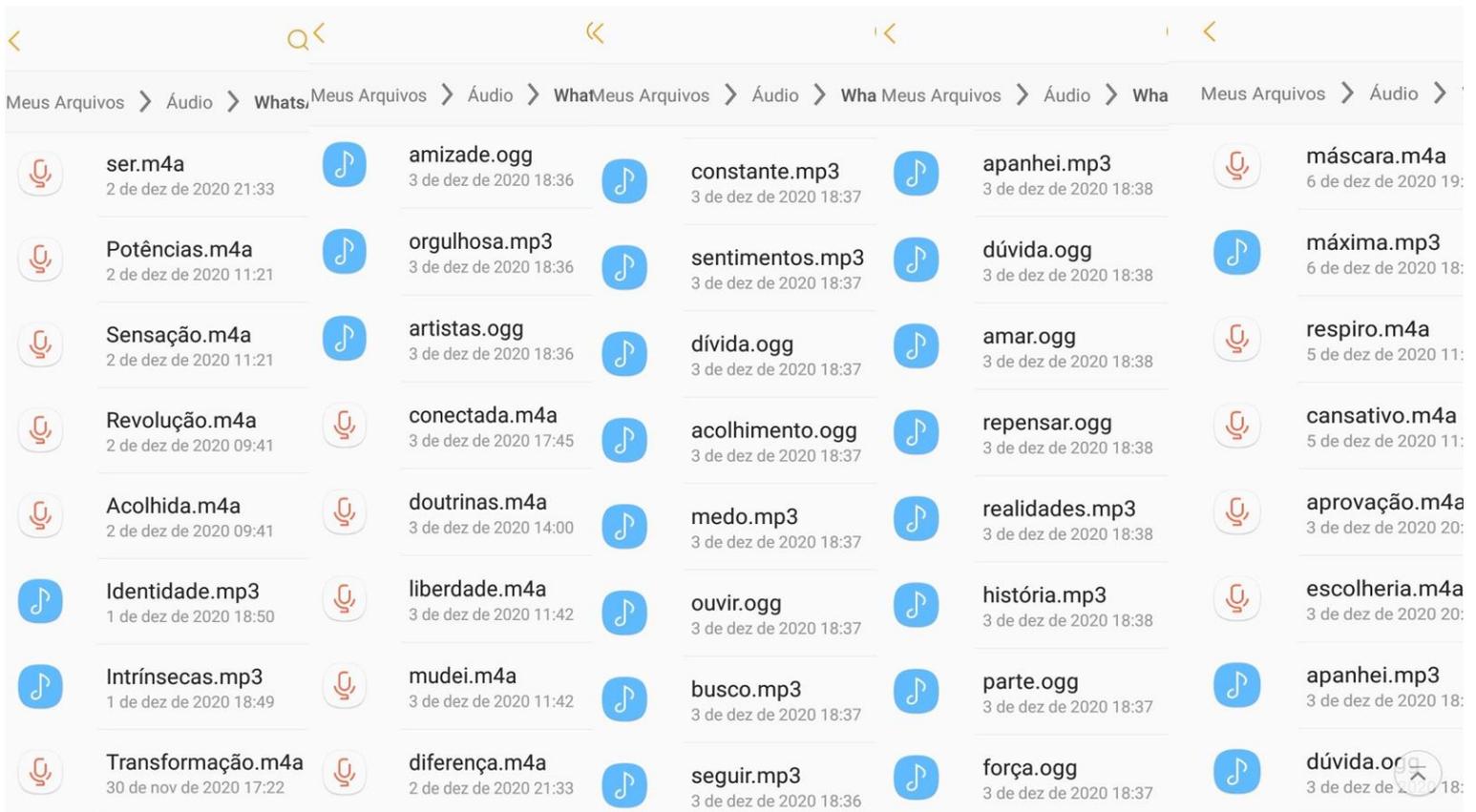
- “se eu pudesse, escolheria vir em outras vidas uma mulher lésbica.”
- “Expressão da minha identidade enquanto mulher que ama, deseja, pluraliza e amplifica o ficar, o estar, o afeto, o sexo e toda e qualquer construção de amor que envolva todas essas coisas. Ser lésbica recorta todas as minhas vivências em sociedade.”
- “Um misto de sentimentos, é revolução, liberdade, cura, entrega, é político e é uma forma de vida que me transborda.”
- “Sinto mais culpa e medo, como se eu tivesse perdido o direito de existir ou de pertencer a minha família.”
- “ser mulher e lésbica não é fácil e tenho medo.”



- “vem um sentimento de liberdade, parece que um peso imenso saiu das minhas costas. mas também, ainda sinto medo.”
- “Já cheguei até a ouvir que eu era bonita demais pra ser lésbica.”
- “Quando não precisamos da aprovação masculina, abre-se um campo gigantesco de possibilidades de existência fora dela, e isso é lindo.”
- “sensação de poder feminino, de poder sobre o próprio corpo e conhecimento sobre coisas que muitas mulheres ignoram em si mesmas.”
- “Ser lésbica é a maior revolução que uma mulher pode fazer num meio patriarcal, é se excluir das exigências masculinas e negar seu corpo aos homens.”



Figura 12 — (Prints de tela do dia 16/01/2020)
 Pasta existente no celular onde estão todos áudios que as mulheres me mandaram.



5.3 Figurino

Desde muito nova não me sentia confortável com roupas justas, curtas, com algumas cores (principalmente rosa) e maquiagens, então tentava demonstrar meu descontentamento negando ou simplesmente não usando, mas não adiantava, pois minha família era insistente nisso. Os presentes recebidos quase sempre eram da cor rosa, meu quarto era rosa, ganhava saias, vestidos ou maquiagens e também escutava coisas do tipo “meninas gostam de rosa e precisam usar rosa”, “você precisa usar essa roupa”, “tem que ser mais feminina”. Essas falas foram penetrando na minha pele e fui tomando como verdades. Aos 13 anos começaram as implicações com meus pelos, pois eram grossos, escuros e chamavam a atenção. Minhas amigas da época faziam piadas e me falavam para tirar já que era feio e afastava os meninos. Meus pelos que antes não me incomodavam, começaram a ser insuportáveis só de olhar. Então, dei início a depilação das axilas, pernas, sobrancelhas e buço. Doía muito tirar e só pensava que queria brincar... A partir dos 14 anos me rebelo e começo a usar só roupas pretas e largas. Uma forma que encontrei para demonstrar que algo estava “errado” e que era “diferente” das demais, já que não cumpria os deveres e fazeres de uma menina/mulher.

Na minha cabeça ser mulher era sinônimo de gostar de homens (algo que aprendi escutando pessoas) e como estava percebendo uma não atração por eles, então não era uma mulher e não sendo uma mulher, não precisava usar maquiagens, roupas justas e coloridas. Foi nesse tempo que percebi uma certa atração por outras garotas, e foi horrível. Tentava ignorar com todas minhas forças. “Isso não é normal”, “eu sou um monstro”, “se gosto de garotas, sou um homem?”. Esse desejo fulminava na minha cabeça e não sabendo lidar, começo a me automutilar. A dor do corte era melhor do que a dor psicológica. Minha família continuava com suas falas, com suas tentativas de me deixar “feminina” e ficaram felizes quando, no final de 2015, comecei a me envolver com um rapaz. As cobranças ficaram cada vez mais fortes e também vinham de mim mesma. Sentia que precisava usar tais roupas, acessórios, agir de tal e tal forma. “Clarissa antes de namorar comigo achava que era bi, mas agora a tornei mulher” acreditei nessa frase e reprimi mais ainda meus desejos e vontades. Foi somente ao entrar para o curso de Dança Bacharelado em 2017 que comecei a existir para mim e não somente para os outros.

As imposições começam cedo, muito cedo. Existem vários exemplos disso, e minha história é uma delas. Quando se nasce do sexo feminino, são depositadas inúmeras expectativas construídas socialmente. Nos é ensinado e exigido modos de agir, pensar e de se vestir (falar baixo, sentar com as pernas fechadas, ser carismática com qualquer pessoa, ter um olhar carinhoso e calmo, não falar sobre o que realmente sente, não ser assertiva, não ter pelos, se relacionar com homens, ter cabelos compridos, usar maquiagens, gostar de saltos altos, entre tantas outras coisas) e esses modos são chamados de feminilidade.

A feminilidade é imposta por argumentos de que ela faz parte da nossa natureza e é advinda do nosso interior, sendo assim, impossível negá-la. Monique Wittig discorre em seu artigo *Não se nasce mulher* que por esses argumentos: “nós somos forçadas em nossos corpos e em nossas mentes a corresponder, sob todos os aspectos, a ideia de natureza que foi determinada para nós” (WITTIG, 1992, p.1). É violento o que fazem, esperam e exigem das meninas e mulheres na nossa sociedade. Chega a um ponto onde pegamos essas imposições e dizemos que são nossas: “me depilo porque eu quero”, “uso essas roupas porque gosto”, “sou tímida, por isso sou quieta”, “gosto de homens porque é o normal”. Frases que são alimentadas pelo patriarcado e capitalismo, duas esferas de poder opressoras que impõem jeitos de ser, fazer e ter, visando sempre manterem-se como bases da sociedade.

É de suma importância as mulheres questionarem suas práticas de beleza e pesquisarem qual é sua origem, mas como Naomi Wolf diz: “muitas sentem vergonha de admitir que essas preocupações triviais – que se relacionam à aparência física, ao corpo, ao rosto, ao cabelo, às roupas – tem tanta importância” (WOLF, 1992, p.11). E realmente tem. A feminilidade prende, machuca e limita, tornando muitas vezes insuportável viver em nossos corpos. Repensá-la é libertador, mas também um processo delicado, Sheila Jeffreys explica: “a grande dificuldade que tantas mulheres e homens têm em enxergar feminilidade e masculinidade como socialmente construídas ao invés de naturais, atesta a força e a potência da cultura” (JEFFREYS, 2005, p.24). Algo mantido e imposto por tanto tempo numa cultura, deixa marcas profundas e parece impossível romper com o ciclo, porém o movimento de repensar

e romper, aos poucos, é possível e necessário. Precisamos questionar o que nos é dado como certo e o único jeito de existir sendo mulher no mundo.

O desejo de figurino que tinha desde 2018 para a parte prática do meu TCC, era ficar quase nua ou totalmente nua com maquiagens no rosto. Pensava que ao expor meu corpo nu estaria no ápice da autoaceitação e que isso mostraria o quão confortável estava comigo mesma. Mas, ao repensar a feminilidade, muitas transformações de pensamentos acontecem e vão se mostrando em forma de dança, escrita, atitudes e críticas. Ler e escutar tantas mulheres mexeu oceanos em mim, questionamentos começam a surgir: “gosto mesmo de usar tais roupas, acessórios, maquiagens, limpar toda a casa, ser simpática com todo mundo ou fui socializada a gostar?”, “porque quando quero dizer não ou mostrar minha opinião sobre tal assunto, não consigo?”, “será que realmente sou tímida?”, “será que quero mesmo me depilar ou aparar os pelos?”, “porque tenho medo de usar tais roupas e ter tal corte de cabelo?” Até que chegou no “será que quero ficar pelada no meu TCC? Porque tornei isso uma meta? O que tem por trás dessa vontade?”.

A feminilidade imposta nos persegue em todos os lugares, ela está em todo nosso cotidiano (nas ruas, lojas, novelas, séries, livros, fotos, etc). As mulheres nesses espaços geralmente são brancas, magras, estão com saltos, roupas justas e/ou curtas, depiladas, maquiadas, com cabelos longos, brincos grandes e ao lado de um homem. É essa imagem que querem colocar em nossas mentes, são essas mulheres que exigem que a gente seja. Naomi Wolf defende em seu livro *O mito da beleza* que a “‘beleza’ é um sistema e como qualquer sistema, ele é determinado pela política” (WOLF, 1992, p.15), sendo assim, essas “características” são tão cobradas e impostas em todos os espaços possíveis, porque são benéficas aos que estão no comando das políticas (os homens). Ir contra o “natural” da feminilidade é ter certeza que os olhares, falas e atitudes dos outros mudarão em relação a nós. Esse era o medo que me consumiu por muito tempo e sufocou meus movimentos.

Ao perceber a nova vontade que era de não estar nua e de maquiagem e sim, estar com roupas largas e sem maquiagem na videodança, senti alívio. Foi como tirar um peso das costas que nem sabia estar carregando. Hoje entendo que meu desejo preestabelecido de querer ficar nua era um peso disfarçado de empoderamento e amor próprio. A partir do meu processo criativo passei a me fazer o seguinte

questionamento: quem me disse que estar nua numa apresentação significaria empoderamento? Ou melhor, aonde li/vi isso? Patriarcado e o capitalismo andam juntos, se apropriam de temas ou movimentos importantes para lucrar e manter a posição de domínio, pois usam a palavra empoderamento como forma de coagir mulheres a fazerem o que eles querem (“se você escolher se depilar, é muito empoderada!”, “tire fotos seminua ou até mesmo nua e prove o quanto você é empoderada!”, “escolha usar batom e mostre o quão empoderada você é!”, etc). Descobri no livro *Empoderamento* que “o conceito de empoderamento é instrumento de emancipação política e social” (BERTH, 2019, p. 18). Joice Berth traz em seu livro o que realmente é se empoderar:

Empoderar, dentro das premissas sugeridas, é, antes de tudo, pensar em caminhos de reconstrução das bases sociopolíticas, rompendo concomitante com o que está posto, entendendo ser esta a formação de todas as vertentes opressoras que temos visto ao longo da História. (BERTH, 2019, p. 19).

Ou seja, não é empoderamento a “escolha” de se depilar, ter cabelos compridos ou tirar fotos nuas como querem que a gente acredite. Se empoderar é, entre outras coisas, observar o quanto esses eixos de poder influenciam nas nossas vidas e, conseqüentemente, nas nossas escolhas, também é tentar achar caminhos, coletivamente, para romper com essas estruturas de poder opressoras.

Construir um olhar diferente sobre a feminilidade me provocou diversas mudanças, por exemplo, deixar os pelos crescerem livremente, começar a usar as roupas que sempre quis, me permitir ter cortes de cabelos que sempre sonhei, parar de ter tanto medo de falar o que penso, estabelecer limites nas relações, entender que existem muitas formas de existir sendo mulher no mundo, entre outros. O processo de desamarrar os nós que eu carregava atravessou a minha dança, nas práticas isso foi ficando visível. Meu corpo, um tanto livre do que antes o prendia e o sufocava parece não ter limites, as imagens, sensações e sentimentos me atravessam com mais facilidade. Descobri que a movimentação com roupas largas é muito mais confortável e os movimentos ficam maiores, ocupando mais espaços, por causa disso, comecei a experimentar gestos e formas que antes eram pouco experimentadas. A vontade de dançar tudo o que antes não tinha dançado aumentou, me (re)conhecer enquanto uma pessoa afetada pela cultura criada foi também (re)conhecer outras possibilidades de criar em dança. A partir desses processos e atravessamentos que fiz a escolha da roupa da videodança: bermuda vermelha e regata preta, decidi que

queria ter focos no meu cabelo curto, nos pelos das axilas, pernas, buço e sobrancelhas.

Figura 13 — Meus pelos em foco. Registro feito por Mariana Munhoz no dia 25/11/2020, durante a gravação do solo:



Figura 14 — Figurino. Registro feito por Mariana Munhoz Goulart no dia 25/11/2020, durante a gravação do solo.



5.4 Cenários

No decorrer da pesquisa, espaços para possíveis cenários apareciam pelas imagens dentro do *dojo*. As imagens iam das águas até o concreto, da terra até as salas fechadas. A cada *dojo* esses lugares me atravessavam mais fortemente, traçavam caminhos reais ou não reais, traziam sensações e/ou sentimentos, saiam do meu corpo para alojar o que estava em volta, se alojavam cada vez mais em meu corpo, se tornavam espaços importantes para dançar livremente e conscientemente. Foi preciso compreender e observar os sentimentos que vieram junto com esses atravessamentos para chegar aos cenários da videodança.

A primeira tentativa foi ir à Cascata do Mezzomo, localizada no interior de Silveira Martins, pois o cheiro e o som das águas naturais são ótimos disparadores de criação para mim. Mas, ao chegar no local percebemos que sua entrada estava fechada por arames, tivemos que seguir pelas estradas da Quarta Colônia de Imigração Italiana. Passamos por vários lugares lindos e eu tentava me imaginar dançando neles, porém nenhum prendia totalmente minha atenção. Após um tempo percebi como estava crítica com os lugares, olhava para tudo, menos para o que ele me causava, esperando achar o construído na minha imaginação. Esse movimento de parar e observar como estava lidando com a situação, me deixou mais focada para perceber as memórias, sensações e sentimentos que vinham para meu corpo ao pisar ou habitar algum espaço. Várias pesquisadoras do Método BPI escreveram juntas um artigo sobre como o ato de questionar e refletir é super importante no processo de criação existente no Método (RODRIGUES et al, 2016, p.563) e isso se mostra de forma consistente no descrito acima.

Ao ficar mais atenta e sensível ao que meu corpo sentia nos lugares é que escolhi o primeiro cenário. Ele é localizado no Vale Vêneto (distrito do município de São João do Polêsine, RS) e parecido com as decorrentes imagens vistas/sentidas nas práticas corporais, as quais traziam sensações de pertencimento, integridade e naturalidade. Quando chegamos no local, senti meu corpo se acostumando com o lugar e querendo ocupar todos os seus centímetros. A vontade era de explorar tudo que tinha lá: as mesas e cadeiras de pedras, cheias de musgos que quase estavam engolidas pelas folhas caídas das árvores; as pedras gigantes ou pequenas que ocupavam várias partes desse lugar; as árvores de variadas espécies que faziam

sombras curiosas; as folhas secas e não secas caídas no chão que faziam sons surpreendentes; os vários níveis existentes no terreno, algumas partes eram baixas em formatos parecidos com círculos e outras super altas que era preciso se cuidar para não cair. No dia em que achamos esse lugar montei um *dojo* com os galhos de árvores que estavam no chão, mas não fluiu. Apenas fiquei sentada no meio. Meu corpo parecia querer mais do que apenas um círculo, era como se todo o espaço fosse uma extensão de mim. De início fiquei com receio, pois foi (principalmente) pelas ferramentas do Método BPI que minha lesbianidade criou forças no meu corpo e ganhou voz então, como não aparecer o *dojo* no vídeo? Refletindo e conversando com o orientador Flávio Campos, cheguei na decisão de que o *dojo*, milimetricamente demarcado, não precisava aparecer nesse espaço. Tudo que aprendi e compreendi com e pelo Método já estava no meu corpo, no meu trabalho.

Figura 15 — Vegetação do cenário localizado em Vale Vêneto. Registro feito por mim no dia 22/11/2020:



Figura 16 — Mesa com folhas e musgos pertencente ao primeiro cenário. Registro feito no dia 22/11/2020:



Devido ao momento mundial delicado que estamos vivendo por conta da pandemia do vírus Covid-19, tivemos aula presencial somente até a segunda semana de aula. Os encontros começaram a ser virtuais e as práticas corporais realizadas dentro do meu quarto, um espaço não tão grande, mas que dava para dançar. Apesar do receio de ser interrompida pela minha mãe ou irmão durante as gravações, decidi que seria o meu segundo cenário. Um lugar onde me sinto segura e foi tão importante durante o processo criativo. Minha ideia era empurrar a cama para um canto, ceder mais espaço para o *dojo*. Mariana, minha namorada, sugeriu fazer na casa dela, pois seria mais espaçoso, iluminado e poderia ficar mais tranquila, já que não teria a probabilidade de alguém me interromper. Refleti por um tempo e cheguei à conclusão de que realmente seria melhor.

No dia das gravações, tiramos a mesa e as cadeiras que ocupavam boa parte do cômodo, organizamos os vasos de plantas em volta do *dojo* para trazer a sensação de estar no meio do mato, igual ao primeiro cenário. A terra era o que demarcava o espaço onde, pelos movimentos, deixei escorrer os conteúdos presentes no meu corpo. A escolha desse elemento se deu a partir dos aparecimentos constantes nos *diários* onde relato as sensações, sentimentos, imagens e movimentos que me preenchem durante e após as práticas no *dojo*.

Fui pra terra, senti ela na pele [...] senti tanto a terra que me transformei nela. Como se todo meu corpo fosse terra. Tudo em volta era terra (Diário da autora, 08/06/2020). Meu corpo se esfregava na terra com prazer, tentando tocar todas suas partes (25/06/2020). Movimentos com os braços apontavam pro chão e depois pro céu, agradecendo pela terra, pelo seu lar (07/07/2020).

Esses são alguns dos trechos que aparecem fortemente o elemento terra, o processo de passar por ela era necessário para chegar a certas liberações, por causa disso considerei importante sua aparição em volta do espaço.

Às vezes a sensação era de estar embaixo da terra, mas não de uma forma ruim, parecia mais pronta para nascer (Diário da autora, 05/11/2020). Eu estava na terra e a terra em mim. Eu era terra (21/11/2020). A imagem de estar deitada sob a terra logo apareceu e comecei a querer senti-la em todas as partes do corpo. Me movia de várias formas. Sentia em várias partes. Era gelada e macia. Meu corpo só ia. A terra se movia comigo. Eu era terra também (23/11/2020).

Esses dois cenários me trouxeram sensações de familiaridade, força, coragem, naturalidade e sinto que transpassaram isso. Estar neles e dançar sobre minha história e minha lesbianidade, foi uma experiência que preencheu meu corpo e fez transbordar memórias, vontades e desejos. No vídeo é muito interessante a passagem de um para o outro, eles se conectam, mostrando juntos a potência dessa pesquisa. Foi extremamente importante montar e achar esses espaços tão singulares.

Figura 17 — Cenário do *dojo*. Registro do dia 01/12/2020:



5.5 Gravações e edições

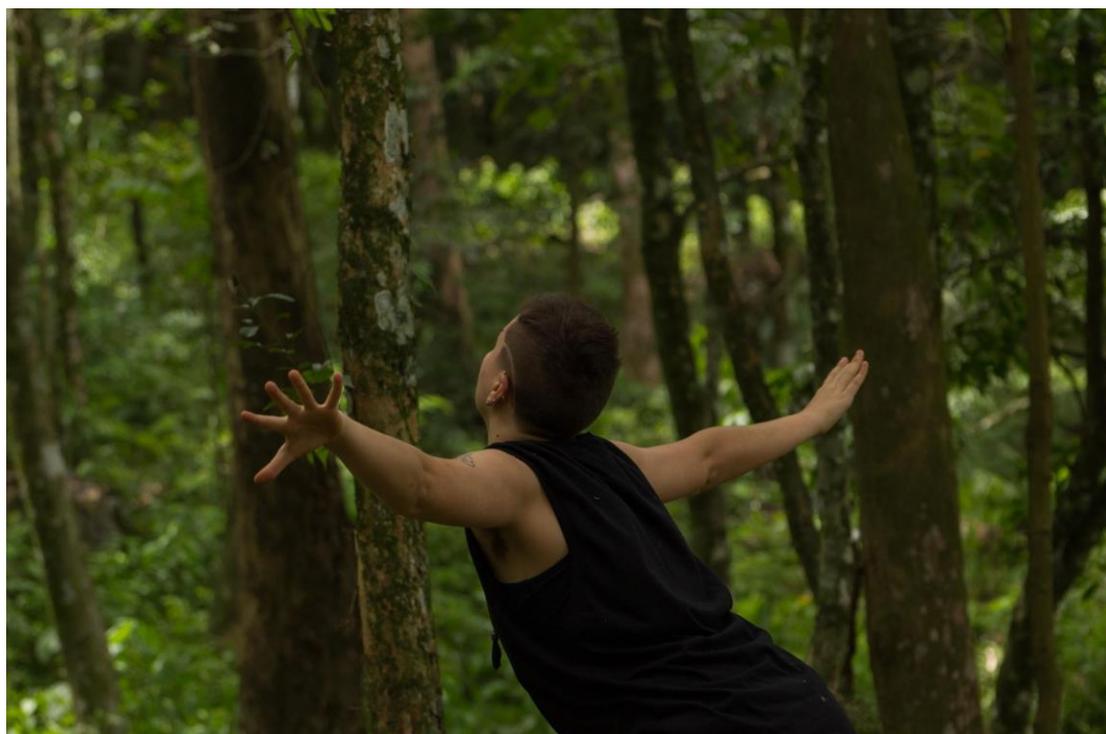
Para a gravação da minha videodança convidei Júlia Urach, uma mulher lésbica que grava e edita vídeos nesse formato, acho incrível o trabalho dela e quis chamá-la para estar junto ao meu processo. A Júlia também é minha amiga, acompanhou muitos processos da minha vida, inclusive os meses antes de chegar na criação do solo. Outra mulher lésbica muito importante que convidei para tirar as fotos e dar apoio técnico durante as gravações foi a Mariana Munhoz Goulart, minha namorada (que também acompanhou os meses anteriores). Tendo a equipe de produção formada, começamos a organizar os dias das gravações.

Fomos ao primeiro cenário, localizado em Vale Vêneto, no dia 25 de Novembro de 2020. Chegando lá, minha vontade de ocupá-lo por inteiro foi voltando, comecei a trazer para a memória os conteúdos vistos, lidos, ouvidos e coletados, na intenção que me conduzissem pelo espaço. O meu corpo foi tomado por sensações e sentimentos de medo, coragem, rejeição, acolhimento, raiva, leveza, identificação, curiosidade... Fui para cima das mesas, dos bancos, subi nas pedras, nas árvores, deitei no chão, subi nas partes mais altas, peguei as folhas secas com as mãos, pisei nas folhas para ouvir o barulho que faziam, enfim, ocupei todos os lugares que desejei. Enquanto isso, fui dançando as sensações, sentimentos, memórias e imagens que vieram com as lembranças das pesquisas sobre lesbianidade, e as mudanças ocorridas após os contatos com ela. Os movimentos iam de mínimos para máximos, de fragmentados para inteiros. Conforme deixava meu corpo contar os percursos realizados, senti tudo se conectando e se entrelaçando. A minha dança ficou cada vez mais intensa, forte e fluida. Parecia que nada e ninguém poderia me deter, pois tinha a força de mil mulheres comigo. Coragem, orgulho e liberdade corriam pelas minhas veias e meus músculos, fazendo aumentar a sensação de corpo expandido e os movimentos mostravam isso. Dançar sobre ser lésbica foi (é) tão potente que nem fiquei com vergonha das câmeras, mas isso teve contribuição de conhecer e confiar na Júlia e Mariana. Inclusive, ter elas comigo naquele espaço também me ajudou a ficar mais confiante e a deixar meu corpo contar tudo o que tinha para contar.

Figura 18 — Explorando a mesa do cenário. Registro feito em Vale Vêneto, na data 25/11/2020, por Mariana Munhoz Goulart:



Figura 19 — Movimentos expansivos. Registro feito na data 25/11/2020, por Mariana Munhoz Goulart:



No primeiro dia de Dezembro de 2020, aconteceram as gravações na sala da Mariana, cenário que continha o *dojo*. Antes de abrí-lo, fiz uma preparação corporal e espacial, respirei fundo algumas vezes, alonguei meu corpo, trouxe para memória os acontecimentos que, durante a pesquisa e percurso na graduação em Dança bacharelado, também das orientações do Flávio que escuto desde 2019: não julgar meus conteúdos internos e deixá-los fluir pelos movimentos da minha dança. Para a preparação espacial coloquei o álbum *Ascensão* da Serena Assumpção para tocar, queimei alecrim, sálvia e tanchagem, passei as fumaças no balde onde estava a terra, no espaço em volta e também no meu corpo. As músicas de Serena Assumpção me ajudam bastante a dar continuidade nos trabalhos dentro do *dojo* e os cheiros dessas três ervas trazem sensações de concentração, presença e conexão. Com a música tocando e os cheiros no ar, peguei o balde e comecei a depositar a terra no chão em volta do meu corpo. Tive que repetir duas vezes, pois na primeira estava muito nervosa e tencionada, fazendo-me travar. Então parei, recolhi a terra, respirei fundo, lembrei da minha pesquisa e fui novamente pegar a terra e dispor em volta de mim. Dessa vez, meu corpo estava ativado e meu espaço foi montado.

Figura 20 — Montando o *dojo*. Registro feito por Júlia Urach, no dia 01/12/2020:

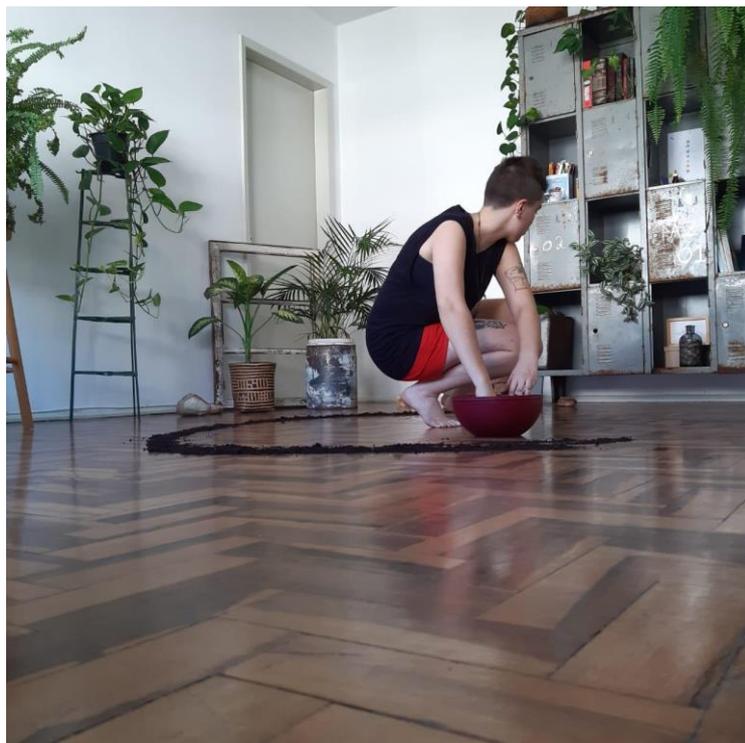
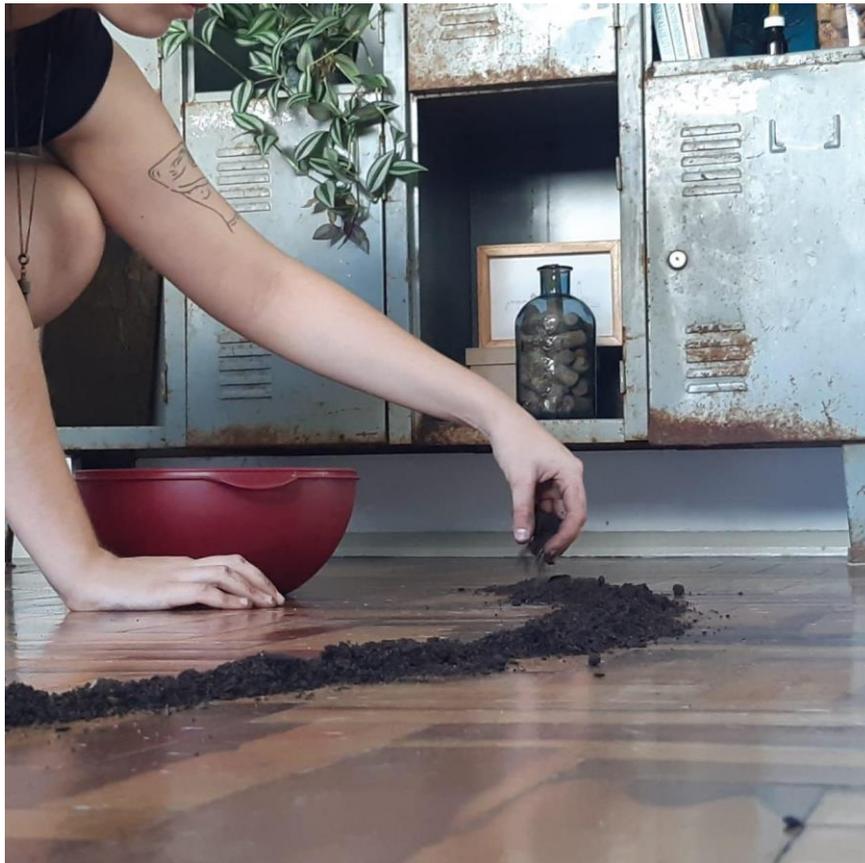


Figura 21 — Terra sendo colocada em volta do *dojo*. Registro por Júlia Urach no dia 01/12/2020:



Para esse cenário elaborei um roteiro após observações de movimentos que se repetiam durante as práticas dentro do *dojo*. Inicialmente, percebi como isso não impediu que novas sensações, sentimentos, memórias e movimentos aparecessem ou viessem mais fortes do que a última vez. Dentro do espaço, algumas respostas do formulário “Lésbicas em foco” foram se tornando presentes, trazendo mais impulsos para meu corpo como se elas fossem combustíveis. A imagem de estar na terra e ser terra foi aparecendo enquanto estava deitada no chão, comecei a percorrer as delimitações feitas com esse elemento para sentir meus limites. Conforme percorria a terra, cresceu uma sensação de estar junto a outras mulheres lésbicas e meu corpo ia ficando mais firme e com mais forma. Minhas mãos já não eram tão humanas e aspectos animais foram tomando conta de mim, meu corpo mais firme foi se levantando aos poucos e em cada momento para se levantar, a sensação era de estar aprendendo a andar sozinha e experimentações como: ficar com três apoios no chão, com dois, um, torcer pra um lado, torcer para o outro, pular com o tronco abaixado,

entre outras, foram feitas como se eu testasse se tinha firmeza. Quando finalmente levantei, continuei a experimentar movimentos que precisavam de força e equilíbrio, o medo de cair era inexistente, pois as mulheres continuavam comigo e sabia que se precisasse delas, elas estariam ali. A sensação de estar cheia me levou a movimentos circulares, ao ir rebolando e girando pelo espaço em diferentes dinâmicas (devagar, rápido, mistura dos dois), sentia pelo meu corpo memórias e forças. Minhas mãos se movimentavam bastante e as senti conduzindo os outros movimentos. Foi por elas que todas essas imagens, sensações, sentimentos e memórias escaparam do meu corpo e a vontade de rir, chorar, e pular se fizeram presente.

Figura 22 — Percorrendo meus limites dentro do *dojo*. Registro feito em 01/12/2020:

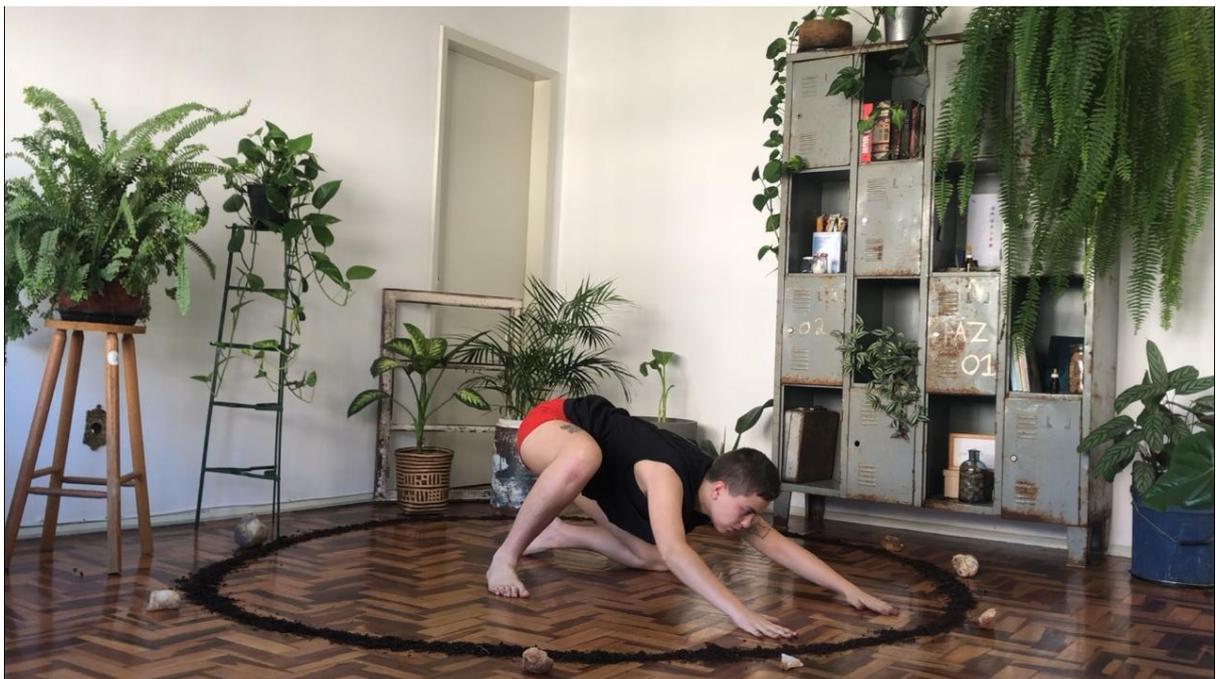


Figura 23 — Movimentos fortes com as mãos no *dojo*. Registro por Júlia Urach no dia 25/11/2020.



Nesse segundo cenário tudo pareceu ser mais intenso e visceral, meu corpo gritava enquanto dançava e parecia muito maior do que realmente é, não tinha medo de ocupar todo o espaço, na verdade, queria mostrar toda sua grandeza. Ali dentro, a sensação que tive em Vale Vêneto de que as pesquisas e percursos se entrelaçaram e conectaram, foi muito mais forte. As mulheres que li, ouvi e conversei durante a realização do trabalho apareceram enquanto dancei, forças gigantescas me preencheram. Em cada centímetro da minha pele, ossos e músculos sentia coragem, raiva e orgulho. Pelo meu corpo contei não só o que foi pesquisado durante o ano de 2020, mas toda minha trajetória criativa e formativa no curso de graduação em Dança Bacharelado.

Figura 24 — As mãos puxando os movimentos dentro do *dojo*. Registro por Júlia Urach no dia 25/11/2020:



Figura 25 — Experimentando força e equilíbrio pelos movimentos dentro do *dojo*. Registro 01/12/2020:



Com as gravações prontas, era hora de irmos para a edição da videodança. Essa parte do processo começou no dia 27 de Novembro de 2020, dois dias depois da última gravação. No primeiro dia já tivemos complicações, os vídeos foram gravados no celular da Mariana pela qualidade boa que o aparelho possui, porém ao passarmos para o editor *YouCut*, utilizado para a edição da videodança, ele não aceitou. Tivemos que utilizar um aplicativo para converter os vídeos em outro formato, o qual baixou suas qualidades, após esse momento, a edição de fato começou.

A montagem dos áudios foram organizadas no aplicativo *YouCut*, conforme eram dispostos no editor, eu anotava num papel a ordem que ia se formando e de quem era a voz. A Júlia teve a ideia de observar as palavras que apareciam nos áudios e assim, irmos em busca de movimentos que remetesse a ela. Por exemplo: “liberdade” apareceu num dos áudios e achamos um vídeo em que movimentos rápidos e ondulatórios aconteciam, a Júlia pegou essa parte, recortou e colocou no momento em que esse áudio começava. As vozes foram postas de uma forma contínua, no final de uma, outra já se iniciava e, às vezes, eram ao mesmo tempo, porém, foi cuidado para que não se opusessem uma à outra. Júlia trouxe muitas contribuições na hora de organizar esses áudios, pois foi ideia dela ter uma parte só com relatos mais duros, ter o silêncio no começo e o silêncio antes de começar meu poema. Ela também testou algo que deu muito certo: pegou uma voz, dividiu ela em três pedaços e botou eles um atrás do outro ou até mesmo, na mesma hora, parecendo três áudios diferentes e no vídeo final isso ficou maravilhoso. Infelizmente, as vozes de algumas mulheres não foram usadas, pois haviam muitos ruídos que acabaram interferindo na fluidez do vídeo, mesmo a gente tentando diminuir o som, por junto de outra voz ou colocá-la no final. Na medida em que os áudios foram sendo finalizados, os fragmentos dos vídeos iam sendo encaixados.

Minha intenção desde o momento que pensei em ter dois cenários, era no vídeo final ir alternando de um para o outro como se não fossem separados. Falei isso para a Júlia, ao irmos encaixando os vídeos nas palavras do áudio, tentamos pegar um pedaço de um cenário e depois do outro. Algo que acho muito incrível no modo como Júlia faz (e fez) as gravações é ser em movimento, como ela pega os detalhes mais preciosos, tanto pertinho de ti, quanto de longe e como isso dá outro formato para a videodança. Trago essa informação, pois o cenário do *dojo* foi gravado de duas

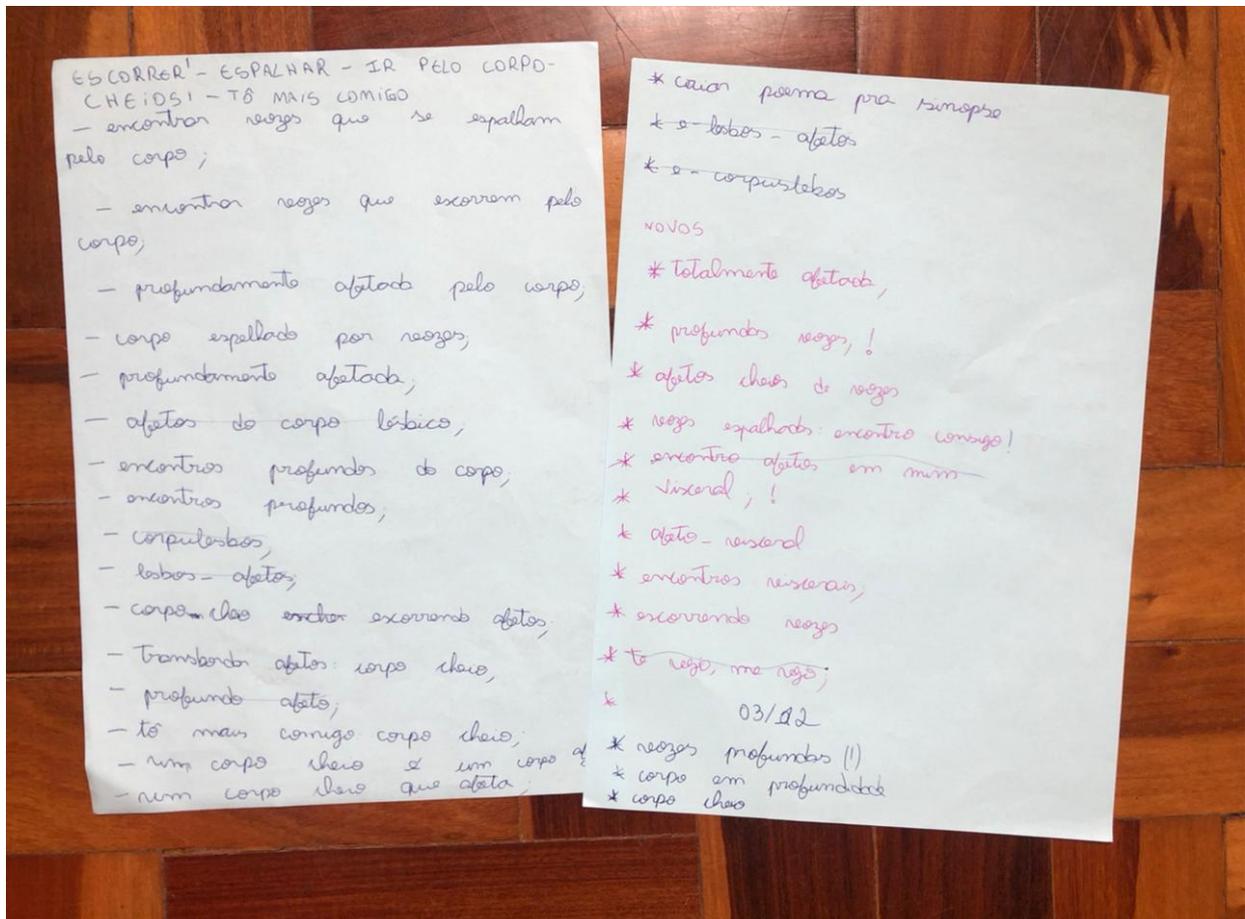
formas: uma com a câmera parada e outra em movimento. Foi testado durante a edição por fragmentos do vídeo parado, porém deu uma quebra muito grande na fluidez que estava sendo criada.

Já estávamos há alguns dias na edição e eu ainda não tinha criado o nome do trabalho e nem o poema. Tentei várias vezes pensar em nomes, anotando todos no diário, mas nenhum parecia ter a força de toda a pesquisa. Nomes como: “ser lésbica”, “totalmente afetada”, “corpo espelhado por vozes”, “encontros profundos”, “corpo cheio escorrendo afetos”, “visceralmente cheia”, “vozes profundas”, entre outros, foram aparecendo. Um tanto já frustrada por não conseguir pensar em um nome que me fizesse vibrar, comecei a focar no poema. Foram duas horas dentro do quarto testando frases, combinando palavras, riscando diversas vezes na folha, me estressando, achando que não conseguiria, até a Mariana me dar a ideia de responder meu próprio formulário. Meu corpo ficou mais sensível e, finalmente, algo começou a se estruturar. Enquanto escrevia, fui lembrando de todo meu processo para escutar essa força lésbica e as transformações que vieram juntamente dela. O poema transborda em suas palavras, frases e fluidez as sensações que percorrem minha sexualidade. Gravá-lo foi até tranquilo, pois muitas reflexões sobre a importância de usar nossas vozes foram feitas, como relatei no tópico “vozes lésbicas” (p. 27).

O nome da videodança foi escolhido depois de uma orientação com o professor Flávio Campos, três dias antes da estreia. Ele me fez uma provocação dizendo que muitas vezes o nome está na nossa frente, mas é preciso procurar com atenção. Reli o poema diversas vezes e ainda não tinha encontrado uma palavra ou frase, até o Flávio dizer: “E se for ‘e danço por todas as vezes que não dancei’?”. Essa sugestão mexeu algumas coisas em mim, acreditei estar perto. Tentei construir outras frases com a Júlia em cima do poema, como: “Ser mulher lésbica: por todas as vezes que não falei”, “ocupando lugares” ou “pelo corpo o nome criava força”. Ainda assim, nenhuma dessas possibilidades parecia conter a força de todos os elementos do vídeo. A edição estava quase pronta, faltava o nome e os créditos, fui ficando ansiosa e sentindo meu corpo se retraindo. Quando li, novamente, o poema, percebi uma frase que condizia muito com todo o meu processo durante a graduação de Dança Bacharelado e a construção dessa pesquisa: “por todas as vezes que não falei”. Foi

ao sentir meu corpo todo vibrar e a respiração ficar profunda que escolhi essa frase como nome para a videodança.

Figura 26 — Lista dos nomes que pensei para a videodança e anotei nos diários.



Por todas as vezes que não falei

“Tenho vontade
de percorrer montanhas
deslizar em rochas
nadar em águas
correr maratonas
gritar nas avenidas
quando lembro do meu desejo
esse qual
preenche cada poro
cada espaço do meu corpo

descobrir o nome
do meu desejo
escancarou diversas janelas
destrancou inúmeras portas
e as memórias
tomaram-me por inteira

pelo meu corpo
o nome criava força
fazendo tudo
pular torcer gritar
fez morada
na pele, no sangue, nos pelos
transformou lares
revirou mares

quando, finalmente, falei
SOU LÉSBICA
um mundo de possibilidades
se abriu
e meu corpo expandiu
ocupando lugares
tomando verdades

agora falo
por todas as vezes
que não falei

e danço
por todas as vezes
que não dancei.”

-poema criado para a videodança
(06/12/2020)

5.6 Divulgação e retornos

Após a videodança estar pronta, carreguei o arquivo na plataforma *Youtube* e programei a estreia para o dia dez de Dezembro de 2020, às 19hrs. Achei que seria interessante colocar como capa do vídeo uma das fotos que a Mariana tirou, pois capturou muito bem a essência do trabalho. Para a divulgação, criei um flyer, com ajuda da Mariana e da Júlia, postei nas redes sociais do WhatsApp, Twitter, Facebook e Instagram. Logo em seguida, várias pessoas começaram a compartilhar e a me mandar mensagens dizendo estarem ansiosas para a estreia. Fiquei muito feliz e emocionada ao ver essas movimentações, porém, o medo e a insegurança também se fizeram presentes. Comecei a pensar que não iriam gostar, receberiam de uma forma diferente, acharem supérfluo ou exagerado. Em uma sessão de terapia, conversei muito sobre esses pensamentos e a psicóloga me ajudou a entender como tudo isso tinha a ver com o meu medo de falar e mostrar minhas verdades. Também me ajudou a compreender que a forma como as pessoas iriam receber, falaria muito mais da história delas do que do meu trabalho. Assim, fiquei mais tranquila e empolgada para o dia da estreia.

Desde sua finalização, não tinha mais assistido o vídeo com a finalidade de que no dia da grande estreia, sensações novas pudessem vir. Quando chegou o dia dez de Dezembro, a adrenalina corria em minhas veias e a euforia foi tomando conta de mim. Convidei minha mãe para olhar a videodança comigo, o que me deixou um pouco mais nervosa. Conforme as horas do dia passavam, mais perto estava do horário da estreia. Algumas amigas tiraram foto da contagem regressiva do Youtube e postaram no Instagram. Ao chegar às 19hrs, eu, Mariana e minha mãe estávamos sentadas em frente ao computador esperando o vídeo começar. Ver o título *por todas as vezes que não falei* trouxe um suspiro longo de alívio e pensei: “é, finalmente estou falando”. Enquanto o vídeo ia passando na tela, percebi como o som do Notebook estava baixo e fiquei frustrada com isso. Tentei levar meu foco então, ao que estava acontecendo: o trabalho prático do meu TCC estava sendo compartilhado com outras pessoas.

Ao chegar nos últimos segundos da videodança, apareceu na tela os nomes das mulheres que leram os trechos do formulário e, logo em seguida, a frase “esse vídeo foi idealizado e produzido exclusivamente por mulheres lésbicas”. Fiquei tão

feliz que quis gritar. Minha mãe do jeito dela, mostrou estar contente e orgulhosa do meu trabalho. Nas redes sociais, comecei a receber muitas mensagens de pessoas me parabenizando e falando o quão lindo, potente e necessário “por todas as vezes que não falei” é. Várias mulheres lésbicas comentaram que ao assistir choraram, se identificaram com alguns relatos, gostaram como o espaço trouxe a sensação de naturalidade e como é bom ver lésbicas ocupando e falando de nossas vivências nas universidades. Conforme fui lendo e ouvindo as mensagens recebidas, percebi meu corpo ficando mais expandido e com tanta energia que poderia correr por horas.

Alguns dias depois da estreia, as reverberações do vídeo só aumentavam, muitas pessoas que nem imaginei que iriam olhar, me mandaram mensagens cheias de afetos. Os compartilhamentos também continuavam a acontecer, o número de visualizações da videodança aumentava a cada instante, perceber isso foi muito gratificante, porque sabia que estava chegando a lugares e pessoas desconhecidas. Tantos retornos positivos me fizeram lembrar dos motivos para a realização desse trabalho: mostrar como a força lésbica é capaz de mover montanhas, transformar nossas vidas, escritas e danças. Compartilhar a videodança “por todas as vezes que não falei” foi falar e dançar tantas sensações, sentimentos, memórias e imagens que deixei guardado por muito, muito tempo dentro do armário, e foi bom perceber que estava sendo, finalmente, escutada.

Figura 28 — Flyer criado para divulgar a videodança:



por todas as vezes que não falei
clarissa iensen

Trabalho de Conclusão do Curso de Dança
Bacharelado UFSM - CAL
V TURMA/2020
Orientação: Flávio Campos
Captação e edição: Júlia Urach
Equipe de produção: Júlia Urach e Mariana Goulart

10.12.2020 às 19h
no youtube*

<https://we.tl/t-PlvX7xcoAF>

@itsgougou

6. Conclusão

Neste trabalho, busquei me aprofundar nos atravessamentos sociais que perpassam muitas vivências de mulheres lésbicas, tentando compreender pelas ferramentas e eixo do Método BPI como esses conteúdos afetaram/afetam minha dança. O contato que tive com lesbovivências através das redes sociais, livros, podcasts, filmes, artigos e do formulário “Lésbicas em foco”, me trouxe entendimentos importantes que transformaram meus movimentos, e além disso, meus pensamentos. Começar a encarar de forma mais crítica e reflexiva algumas das imposições culturais que as mulheres sofrem (pelo patriarcado com sua heterossexualidade compulsória, a feminilidade imposta e o silenciamento) me fez abrir um campo gigantesco de outras possibilidades de existir e fazer artisticamente. Conforme o processo desse trabalho se desenrolava, meu corpo foi se soltando das amarras que o prenderam por tanto tempo e o meu dançar foi ficando mais expansivo, forte e sem medo de ocupar espaços.

Essa pesquisa mostra a força que reside nas mulheres lésbicas e o quanto necessário é falarmos de nossas existências. A sexualidade lésbica é muito apagada e silenciada social e culturalmente, até mesmo em meios ditos inclusivos, como a comunidade LGBTQ+. Por isso, é tão importante desenvolver trabalhos que tragam como foco nossas vivências e, principalmente, que sejamos nós, lésbicas, as autoras deles. Mostrar que estamos nas universidades, ruas, lojas, mercados, praias, calçadas e tantos outros espaços é dizer pela voz e/ou ações que existimos e resistimos diariamente.

A videodança “por todas as vezes que não falei” é a síntese dessa pesquisa e ver as tantas repercussões que causou (e segue causando), confirma a importância deste tipo de compartilhamento. O processo do meu Trabalho de Conclusão de Curso foi intenso, ter o Método BPI como catalisador me ajudou a tomar consciência das mudanças significativas que aconteceram na minha dança, ações e maneiras de ver as estruturas existentes na nossa cultura. Este trabalho contém muitos conteúdos potentes que com o tempo pretendo desdobrar ainda mais através da dança e da escrita. Por ora, vou sentindo e observando como as reverberações de agora fazem meu corpo lésbico transbordar afetos e resistências.

REFERÊNCIAS

- Afeto, relacionamentos e vulnerabilidades.** Locutora: Jamine Miranda. 16 abr. 2020. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2k0kA8Bvrx6cwl3afeHLaJ?si=YLulyD02T7SKjK7eA6tduQ>. Acesso em: 20 nov;
- ALVES, Clara. **Conectadas.** Editora Seguinte, 2019;
- Autoconhecimento e pressão estética.** Locutora: Jamine Miranda. 22 abr. 2020. Podcast. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/7C31anllskufQI2Y1uR7yY?si=lsfEfU9GSo6_M5aJdo1d7Q. Acesso em: 20 nov;
- BERTH, Joice. **Empoderamento.** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamilia Ribeiro);
- BRANDÃO, Simone. **Teorias lésbicas contemporâneas e a arte como ativismo e potência de resistência e visibilidade.** *Cadernos de Gênero e diversidade*, Salvador, v. 04, n. 02, p. 135-143, 2018. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/26648/16099>. Acesso: 22 jul ;
- CAMPOS, Flávio; RODRIGUES, Graziela. **O processo BPI e suas especificidades epistemológicas.** Ver. Bras. Estud. Presença, Porto Alegre, v. 5, n. 3, p. 490-506, set./dez. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-26602015000300490&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 04 mar;
- CLARKE, Cheryl. **O lesbianismo: um ato de resistência.** Estados Unidos: ISM Press. 1988. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1qeX-Wb_GEfuzc0Ibh8mDYt6fCY522--c/view. Acesso em: 17 ago;
- Especial do mês da Visibilidade: **Ativismo lésbico.** Entrevistadoras: Camila Pupulin, Giovanna Soares. Entrevistada: Celle Fonseca. 5 ago. 2020. Podcast Sapataria. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6hLnAghdeCVwMZn77FEVbw>. Acesso em: 5 ago. 2020;
- GRIJALVA, Dorotéa G. **Meu corpo é território político.** Copenhague: Zazie edições. 2020. Disponível em: https://static1.squarespace.com/static/565de1f1e4b00ddf86b0c66c/t/5e4015eb2ed8a6567240b397/1581258222776/ZAZIE+EDICOES_DOROTEA+GOMEZ+GRIJALVA_PEQUENA+BIBLIOTECA+DE+ENSAIOS+PERSPECTIVA+FEMINISTA_2020.pdf. Acesso em: 24 ago;
- HIGHSMITH, Patricia. **Carol.** Tradução pela editora L&PM, 2015;
- JORGE, Mariana. **O fluxo dos sentidos na dança performativa.** *IX Congresso da ABRACE*, p. 1222-1239, Uberlândia, 2016. Disponível em:

<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/4730/4736>.

Acesso em: 18 set;

JEFFREYS, Sheila. **Beleza e misoginia**, práticas culturais prejudiciais no ocidente. 2005. Disponível em: <http://feminismoptbr.blogspot.com/>. Acesso em: 8 set;

LEÃO, Ryane. **Jamais peço desculpas por me derramar**, poemas de temporal e mansidão. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019;

Live **a importância de consumir cultura lésbica**. Participantes: Angélica Glória, Dia Nobre. 3 ago. 2020. Insta omfgangel. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CDfKXAVpfVH/>. Acesso em: 3 ago. 2020;

Live **corpos gordos e atravessamentos**. Mediadora: Ana Claudino. Convidadas: Danúbia Kessia, Jaqueline Matos, Milly Costa. 11 ago. 2020. Canal Sapatão Amiga. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xR0mXwql3Ao>. Acesso em: 11 ago. 2020;

Live sobre **feminilidades plurais das sapatão**. Mediadora: Bruna Bastos. Convidadas: Jamine Miranda, Lívia Ferreira, Luciene Santos . 21 ago. 2020. Canal Sapatão Amiga. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8-SaqTBoe5U>. Acesso em: 23 ago. 2020;

Live sobre **saúde mental**. Mediadora: Duda Crespa. Convidadas: Amanda Catarino, Júlia Aquino, Larissa Caroline. 6 ago. 2020. Canal Sapatão Amiga. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HntUowd4FH8>. Acesso em: 6 ago. 2020;

Live **vivências lesboindígenas**. Mediadora: Ana Claudino. Convidadas: Jessyca Yakecan, Letícia Puri, Yadira Del Mar. 8 ago. 2020. Canal Sapatão Amiga. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J9DpWojaEVM&t=4s>. Acesso em: 9 ago. 2020;

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2019. Tradução Stephanie Borges;

LORDE, Audre. Textos escolhidos de Audre Lorde.[S.l.]:Heretica Edições Lesbofeministas Independentes, [200?],18 p. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/171382/AUDRE%20LORDE%20COLETANEA-bklt.pd>. Acesso em: 01 set;

MELCHERT, Ana Carolina Lopes. **A descoberta da cultura velada e dos gestos vitais**: Um aprofundamento no Eixo Inventário no corpo do Método BPI. 2010. Tese (Doutorado em Artes)-Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010;

NAGAI, Ângela. **O dojo do BPI**: lugar onde se desbrava um caminho. 2008. 123p. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008;

Não existe monogamia em relações lésbicas. Locutoras: Camila Pupulin, Giovanna Soares, Lisiane Andriolli, Marina Montzel, Karina. 22 jul. 2020. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0RNp2yBjxjbB7LbkyEWZJ5>. Acesso em: 28 de jul. 2020;

NAVARRO-SWAIN, Tania. **O que é lesbianismo.** São Paulo: Brasiliense, 2004;

OLIVEIRA, Luana F. **Quem tem medo de sapatão? Resistência lésbica á Ditadura (1964-1985).** *Revista Periódicus*, n. 7, v. 1, p. 06-19, 2017. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/21694/14301>;

O que é feminilidade?. Entrevistadoras: Victória Valentina e Yasmin Barreto. Entrevistada: Kim Niederauer. 27 out. 2019. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2o5o5RnC5AXBdBVKg2tMlr?si=mYxsDPgxShyg1mF7awCe6w>. Acesso em: 30 nov;

O que é ser lésbica? Locutoras: Camila Pupulin, Giovanna Soares, Lisiane Andriolli, Marina Montzel, Karina. 8 jul. 2020. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/35dmmG2xKe7MxzF74aBkek?si=TknNWO7iTImsGEGcml_g0Q. Acesso em: 20 nov;

POLESSO, Natália Borges. **Amora** contos. Porto Alegre: Dublinense, 2016;

Relacionamento com os seios. Locutora: Jamine Miranda. 8 out. 2020. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7h33oigrv5kpHIRWY3vVIP?si=EP69GQSOSyuOyZDkqiEPBq>. Acesso em: 30 nov;

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e a existência lésbica.** Estados Unidos: Antelope Publications, 1982;

RODRIGUES, Graziela. **As ferramentas do BPI (Bailarino-Pesquisador-Intérprete).** In: Anais do I Simpósio Internacional e I Congresso Brasileiro de Imagem Corporal, UNICAMP. Campinas, SP. 2010. Disponível: <https://www.fef.unicamp.br/fef/sites/uploads/congressos/imagemcorporal2010/trabalhos/portugues/area3/IC3-28.pdf?fbclid=IwAR2LYHJSPakw1ya7NR3w3kTxuP4w4F4MV3qKkFcdI86MiqgFHQ8jjXNs5gk>;

RODRIGUES, Graziela; TURTELLI, Larissa; TEIXEIRA, Paula; COSTA, Elisa; CÁLIPO, Nara; FLORIANO, Mariana; ALLEONI, Natália; JORGE, Mariana D. **Corpos em expansão: a arte do encontro no método Bailarino-Pesquisador-Intérprete (bpi).** *Rev. Bras. Estud. Presença*, Porto Alegre, v.6, n.3, p.551-577, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbep/v6n3/2237-2660-rbep-6-03-00551.pdf>. Acesso em: 06 maio;

RODRIGUES, Graziela. **O Lugar da Pesquisa.** In: *Revista Conceição/Conception*. v.1 n. 1. Campinas: Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da UNICAMP, pp. 48- 58, 2012. Disponível: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conce/article/view/8647726/14605>. Acesso em: 5 ago;

RODRIGUES, Graziela Estela Fonseca. **O método BPI (Bailarino-Pesquisador-Intérprete) e o Desenvolvimento da Imagem Corporal**: reflexões que consideram o discurso de bailarinas que vivenciaram um processo criativo baseado nesse método. 2003. Tese (Doutorado em Artes)- Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003;

RODRIGUES, Graziela. **Bailarino Pesquisador Intérprete**. Lauro de Freitas: Solisluna, 2018;

SOARES, Suane F. **Procura-se sapato: Histórias invizibilizadas do movimento lesbofeminista brasileiro**. 18^o REDOR, Universidade Federal Rural de Pernambuco, p. 1439-1451, 2014. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/10k2vtb4poBQK8yjsnCYjkZ9PxKDaejhq/view>;

WITTIG, Monique. **Não se nasce mulher**. 1980. Tradução de Lea Sussekind Viveiros Dde Castro. Acesso em: 15 Nov;

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**, como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. Tradução de Waldéa Barcellos.

Filmes:

A CRIADA. Direção de Park Chan-Wook. Coreia do Sul, 2016. 1 DVD (145 min);

A COR púrpura. Direção de Steven Spielberg. Estados Unidos, 1985. 1 DVD (154 min);

AMMONITE. Direção de Francis Lee. Reino Unido, 2020. 1 DVD (120 min);

CAROL. Direção de Todd Haynes. Estados Unidos: Killer Films, 2015. 1 DVD (118 min);

FLORES Raras. Direção de Bruno Barreto. Brasil, 2013. 1 DVD (118 min);

HAPPIEST Season. Direção de Clea DuVall. Estados Unidos, 2020. 1 DVD (102 min);

IMAGINE eu & você. Direção de Ol Parker. Reino Unido, 2005. 1 DVD (94 min);

PARIAH. Direção de Dee Rees. Estados Unidos, 2011. 1 DVD (86 min);

RAFIKI. Direção de Wanuri Kahiu. África do Sul, 2018. 1 DVD (83 min);

RETRATO de uma jovem em chamas. Direção de Céline Sciamma. França: Lilies Films, 2019. 1 DVD (120 min);

SUMMERLAND. Direção de Jessica Swale. Finlândia, 2020. 1 DVD (100 min);

THELMA. Direção de Joachim Trier. Noruega, 2017. 1 DVD (116 min);

TWO girls in love. Direção de Maria Maggenti. Estados Unidos, 1995. 1 DVD (94 min).